

# Trilogia Heroica

Luiz Carlos Prestes Filho



# Trilogia Heroica

**Luiz Carlos Prestes Filho**

Copyright © 2022 Editora Quanta

Projeto Gráfico: @santoficio.design

Capa: Maria Rosa | @mariarosa.art

*Na ilustração da capa a recriação de imagem do cacique Aimberê.*

*A imagem de Tiradentes, por Cândido Portinari, que foi baseada na fotografia de Luiz Carlos Prestes aos 29 anos (1927).*

Impressão: Gráfica J. Di Giorgio & Cia.

Copyright @ Luiz Carlos Prestes Filho

*Vedada, nos termos da Lei, a reprodução total ou parcial do livro, gravações musicais e partituras, por quaisquer meios, sem autorização da Fundação João Mangabeira, Todamerica Edições Ltda. ou de Luiz Carlos Prestes Filho (autor).*

	Prestes Filho, Luiz Carlos
P936t	Trilogia heroica / Luiz Carlos Prestes Filho ; [ilustração Poty
2022	Lazarotto] ; [Paulo Afonso Bracarense Costa (ed.)] . - 1. ed. - São Paulo : QCP, 2022. 174p. : Il. ; 24 cm.
	Parte 1 - Piaçaba e acrescidos. Parte 2 - Molhem minha goela com cachaça da terra. Parte 3 - Lendas - Coluna Prestes. ISBN 978-85-63234-29-2
	1. Poesia brasileira. 2. Música. 3. Brasil – História – Coluna Prestes. 4. Tiradentes, 1746-1792. I. Lazzarotto, Poty. II. Aimberê. III. Bracarense Costa, Paulo Afonso, 1957. IV. Título.
	CDD – 869.1

Catálogo na fonte elaborada por: Josefina A. S. Guedes - Bibliotecária CRB 9/870



Rua Doutor Clóvis de Oliveira, 166 - Vila Progredior

CEP: 05616-130 São Paulo - SP

Fone/Fax: +55 11 3385-0400

[www.qcp.com.br](http://www.qcp.com.br)

# Apresentação

O livro que o Partido Socialista Brasileiro – PSB e a Fundação João Mangabeira - FJM têm a honra de trazer a público, de autoria de Luiz Carlos Prestes Filho, compõe-se de três partições, a saber, *Piaçaba e Acrescidos*, *Molhem Minha Goela com Cachaça da Terra* e *Lendas Coluna Prestes*.

Cumprе esclarecer ao leitor, de saída, que se trata de uma obra multimeios e que contempla, nestes termos, poemas, ilustrações, pesquisa historiográfica, relatos e testemunhos, além de uma série de resenhas – até mesmo plano coreográfico se faz presente em seu desenvolvimento! Todos estes elementos se articulam reciprocamente, ressaltado que se tivéssemos que indicar a linha que costura um “todo”, mesmo que instável e mutante, esta seria o conjunto de peças musicais que percorre todo o trajeto da escrita.

Ainda que a estrutura propriamente literária possa causar surpresa a alguns, é legítimo afirmar que ela não é, de modo algum, desprovida de ocorrências similares, seja na literatura, seja na filosofia. Estamos diante de uma escrita fragmentar e sua leitura requer algum traquejo, sendo o cuidado essencial o de não se procurar um fio condutor único.

Em uma obra desta natureza, os intervalos e os espaços vazios são tão importantes quanto aquilo que se apresenta como texto, como linguagem. São os fragmentos – em nosso caso testemunhais, históricos, míticos, musicais – que se tramam, para oferecer ao leitor não uma imagem “fidedigna” de fatos ou lugares, mas uma memória afetiva que é compartilhada por meio da experiência da leitura e, em particular, quando da audição dos poemas musicados criados por Luiz Carlos Prestes Filho.

Não se trata, portanto, nem de historiografia e tampouco de documentação em sentido estrito, porque todo o material reunido está a serviço de instaurar experiências vivas, intensas, relacionadas, por exemplo, ao marco inaugural da cidade do Rio de Janeiro, a Praia da Piaçaba; do inconfiante negro, Vitoriano Gonçalves Veloso; da Coluna Prestes, que atravessou o Brasil, sonhando com seu avesso – ou seja, com um povo que pudesse protagonizar sua própria história.

Com relação à Coluna Prestes propriamente dita, vale lembrar que ela aglutinou jovens oficiais do exército regular do Brasil, que participaram do movimento tenentista e que se sublevaram em revoltas que foram de 1922 e 1924. A Coluna rasgou o território nacional com uma jornada de aproximadamente 24 mil quilômetros, sustentando até 1927 uma luta contra as oligarquias que dominavam o país, tendo por principal objetivo incluir o povo no fazer político, que até então não ia além dos acordos “de bigode” de uns poucos, para perpetuar tanto seu mando, quanto as condições sociais, econômicas e culturais que o sustentavam.

Não se deve falar da Coluna Prestes no passado, contudo. É claro que o Brasil mudou muito desde a Coluna como “fato histórico”; que se desenvolveu, tornou-se mais complexo sob todos os pontos de vista. É preciso lembrar, no entanto, que o autoritarismo e o mandonismo político jamais foram extirpados de nossa cultura política – algo que se pode ver à exaustão nos tempos que estamos a viver.

Impõe-se, deste modo, desde a perspectiva do socialismo democrático do PSB, celebrar a Coluna Prestes e seus ideais como futuro ainda não realizado, como promessa ainda não cumprida, como demanda de justiça ainda não saciada, como referência de luta para a conquista de uma democracia plena e inclusiva, dotada de substância positiva, ou seja, capaz de tornar a vida de nossa população mais justa e promissora, mais bem provisionada dos direitos básicos de cidadania, além do respeito absoluto aos direitos humanos.

Isso dito, é incontornável a rememoração de Luiz Carlos Prestes, que liderou a Coluna com outros expoentes, como Miguel Costa, Siqueira Campos, Juarez Távora e Isidoro Dias Lopes. Não é à toa ou por circunstância fortuita que lhe coube o título de Cavaleiro da Esperança, visto que empunhou como poucos em nossa história o estandarte das lutas e das causas populares.

Nesse sentido, como utopia ainda por se realizar, pode-se afirmar sem medo de errar que a Coluna Prestes está tão viva como eu e o leitor e que é a experiência desta vitalidade que a presente obra nos oferece, quando a narra poeticamente.

Desejo a todos a mais proveitosa leitura, sugerindo que mantenham, tanto quanto possível, olhos, corações e ouvidos bem abertos.

**Carlos Siqueira**

Presidente do Partido Socialista Brasileiro - PSB

Presidente do Conselho Curador da Fundação João Mangabeira



# PIAÇABA E ACRESCIDOS

01

**Luiz Carlos Prestes Filho**

Poesia, Texto, Música e Letras das Canções

**Poty Lazzarotto**

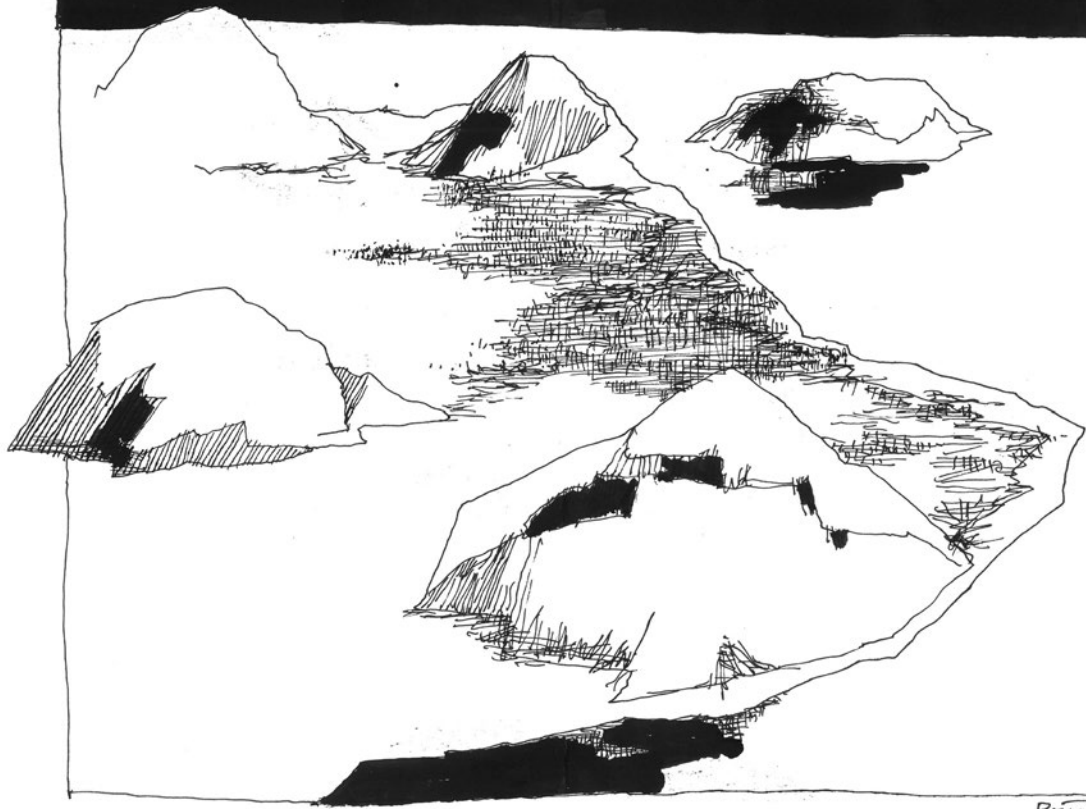
Ilustração

**Luiz Eduardo de Oliveira**

Arranjo e Direção Musical

Dedico este Poema  
para Orquestra ao fundador da  
Cidade do Rio de Janeiro Aimberê,  
ao saudoso escritor Antônio Fraga, que  
durante anos foi meu guia pelas ruas do Rio,  
e ao amigo, compositor, Altay Veloso.

“Я тоже веду войну, только не за пространство, за время.  
Я сижу в окопе и отымаю у прошлого клочок времени”  
**Велемир Хлебников - “КА” - 1915**



Pony 92

# QUADRILÁTERO

## APRESENTAÇÃO

Há um logradouro do Rio de Janeiro, que é, historicamente, o coração da cidade, sendo também o coração histórico de todo o país, local que abrigou a aldeia de Aimberê. Já se pode perceber, é a Praça Quinze de Novembro, nossa íntima e diária Praça Quinze. Destruída, num ato de suprema estupidez, a primitiva acrópole quinhentista, o Morro do Castelo, restou-nos aquela várzea que, no desembarque de Estácio de Sá, era a Praia da Piaçaba, na qual se instalaram os monges carmelitas, donos de um Terreiro do Carmo, depois Terreiro da Polé, depois, Largo do Paço, depois, Praça Dom Pedro I e finalmente Praça Quinze de Novembro.

**Nela habitaram um rei, uma rainha e dois imperadores. Nos seus arredores foi encarcerado e julgado Tiradentes. Nela o povo aclamou a Redentora a 13 de maio, e na Capela Real, a velha Igreja do Carmo, tocava o padre José Maurício Nunes Garcia. Nela Raul Pompéia assistiu, numa madrugada de novembro de 1889, uma dinastia imperial que embarcava silenciosamente para o exílio. E nela, mais permanente e constante que tudo isso, vêm deslizando há cinco séculos as sombras anônimas e efêmeras de todos os que habitavam esta cidade.**

Se temos um breve e diminuto corpo que se esgueira pelas ruas, a cidade é um nosso segundo corpo, mutável e permanente. Com os anos, cada metro quadrado dessas íntimas vias, cada cunhal, cada janela, vão se transformando em testemunhas do que ali passamos, e essa simbiose não para de se fortalecer até a nossa desapareição. Tal amurada viu a nossa alegria, tal porta nosso desespero, aquela esquina a nossa vergonha. Uma cicatriz, um marca em cada pedra, à medida que envelhecemos somos de

tal maneira a nossa cidade, existimos por ela como sua autoconsciência possível, que a destruição de uma parte sua nos dói como mutilação.

**Das ilusões humanas, uma das mais vãs e perenes é a da privilegiada atualidade, como se todos os indivíduos que já passaram pelo planeta não tivessem vivido no presente unânime, moderníssimo e urgente. Por isso, por que limitar nossa solidariedade aos companheiros de tempo, e não espalhá-la indiscriminadamente por todas as épocas? Gratuita, pois sua possível eficácia presente não é muito maior que sua impossibilidade passada, por que não sentirmos com profunda simpatia humana tudo o que já se viveu no tempo, reflexo espelhado do que, também inatingível, ainda se viverá? A História é uma matéria tão nobre para a poesia quanto a vida, o amor ou a morte, e talvez ainda mais completa, pois os estrutura a todos.**

E é justamente nesta perspectiva, com a argúcia e o humor de um fotógrafo do imponderável que Luiz Carlos nos dá esses flagrantes verbais e musicais de um logradouro desaparecido e presente, fantasma vivo e cotidiano também admiravelmente retratado nos desenhos de Poty. E assim nós nos aventuramos, nós, fantasmas futuros, por esse quadrilátero repleto de História, entre os mendigos e bruxas do Arco do Teles, os monges do Carmo e Ordem Terceira, os guardas do Paço e aguadeiros do chafariz do Mestre Valentim, nesse chão soerguido de tempo, de onde vi sair certa vez, numa vulgar escavação municipal, balas de canhão, garrafas setecentistas, mandíbulas de cavalos e argolas de atracar, entre milhares de outros fragmentos de um viver desaparecido.

**Nosso corpo maior, nosso corpo comum, tal é a nossa cidade.  
E é ela que aqui vem retratada, nesta 'Piaçaba e Acrescidos'.**

**Alexei Bueno é poeta e editor**



naquela história  
da baleia encalhada  
o chafariz primitivo  
da praia da Piaçaba

imaginação primeira da praça  
que do mar seria anexada

o número quinze acrescido  
não combina  
confunde o seu código genético

Piaçaba  
voltar para o útero  
banhar-se  
na imagem primeira do Rio

A Praça Quinze de Novembro, que já teve a denominação de Piaçaba, Terreiro da Polé, Largo do Carmo, Largo do Paço e Pedro I fica no Centro do Rio de Janeiro. Andar nela é como remontar um quebra cabeça histórico. Uma charada para quem pretende entender sua origem, ou melhor, a sua estruturação arquitetônica e urbana. Este logradouro fica exatamente entre as ruas 1º de Março e a Avenida Alfredo Agache, onde estão as estações das barcas que todos os dias saem para Niterói e para a Ilha de Paquetá. Do século XVI ficaram registros de baleias encalhadas no local.

>> Acesse o movimento musical e a partitura de “Gênese Brasil”

| MOVIMENTO MUSICAL |



| PARTITURA |





Pouy 92

passos curtos  
bocas abertas  
o avô e o neto  
o seco e o úmido  
dois equilíbrios numa bengala  
passado e futuro duas escalas

logo ali  
poluídas lágrimas de Portugal  
caravelas  
não movem mais

Aqui podemos encontrar camadas e camadas de séculos acumuladas em causos e fatos. Muitas vezes, encontrar raros fragmentos que restaram após incêndios e criminosas demolições. O seu belo chafariz colonial resistiu a todas intempéries.

>> Acesse o movimento musical e a partitura de “Abissal e Praia da Baleia”

| MOVIMENTO MUSICAL |



| PARTITURA |





das mãos do Mestre Valentim  
vieram os movimentos  
da água doce do Rio  
ao salgado cais do porto  
que recebeu a família real

sua veia  
em forma de pirâmide  
no Atlântico afogou seu Nilo

agora calada  
ela somente conhece  
jatos de mijos

Do berço do Rio, do Morro do Castelo, onde foi instalada a cidade de São Sebastião em 1567, nada restou. Foi arrasado em 1922. Toneladas de entulho foram usadas pela empresa Urbanização Carioca (URCA), para o aterramento e a construção de um bairro abaixo do Pão de Açúcar. Da praia da Piaçaba o cacique Aimberê via a Pedra Pau-nh-açuquã, que significa em guarani morro alto que voa em direção dos céus. No peito desta pedra ainda hoje ao meio dia podemos ver, sombreada, uma íbis em baixo relevo. Essa é a lenda do Pão de Açúcar.

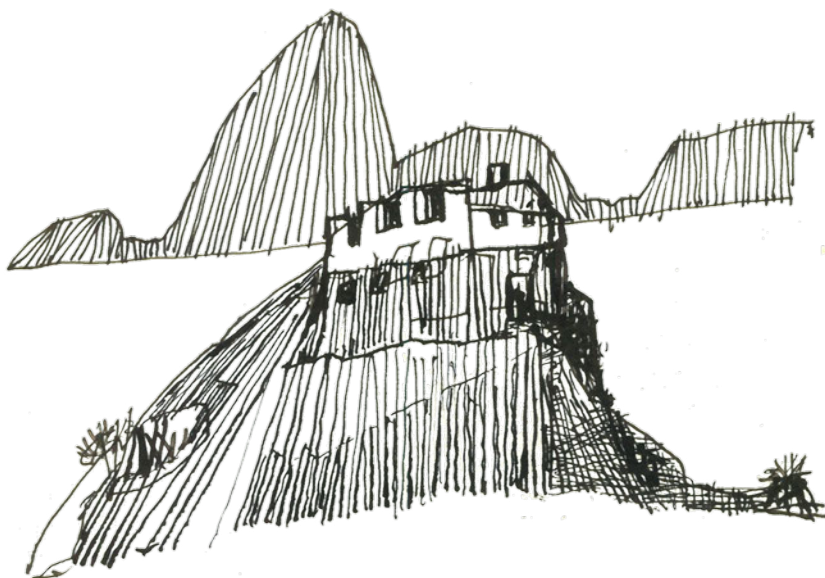
>> Acesse o movimento musical e a partitura de “Cais Pharoux”

| MOVIMENTO MUSICAL |



| PARTITURA |





Pouy 92

do berço do Rio  
não resta  
um só detalhe  
nem se pode imaginar  
arqueologia  
é várzea  
o morro do Castelo

símbolo do nosso início  
se diluiu  
pela Guanabara  
em partes  
migrou para Urca

Muitas ruas foram engolidas pelas reformas nas proximidades da Praça Quinze.

>> Acesse o movimento musical e a partitura de “Íbis de Pedra”

| MOVIMENTO MUSICAL |



| PARTITURA |



na antiga rua Fresca  
40 graus na cabeça  
clapp  
clapp  
clapp

a luz invade  
o meio-dia adentro

o antigo nome  
evapora-se  
clapp  
clapp  
clapp

o novo surge devagarinho  
gotas de suor  
clapp  
clapp  
clapp  
rua Clapp



Pouy 92

Na Antiga Catedral do Rio de Janeiro, a Igreja Nossa Senhora do Carmo, está o mausoléu subterrâneo de Pedro Álvares Cabral, falecido em 1520, que tem uma história intrigante. Em 1903, como parte da campanha nacionalista que dom Pedro II iniciara, em 1871, resolveu-se trazer a ossada de Cabral para o Rio de Janeiro. Mas, quando se fez uma prospecção do túmulo do descobridor do Brasil, em Portugal, na Igreja da Graça da cidade de Santarém, constataram que o jazigo abrigava restos mortais de cinco homens, de uma mulher e duas crianças. Estava tudo misturado. Parte do material foi enviado para o Brasil. Outra parte, em 1961, foi enviada para a cidade de Belmonte, onde nasceu o descobridor do Brasil.

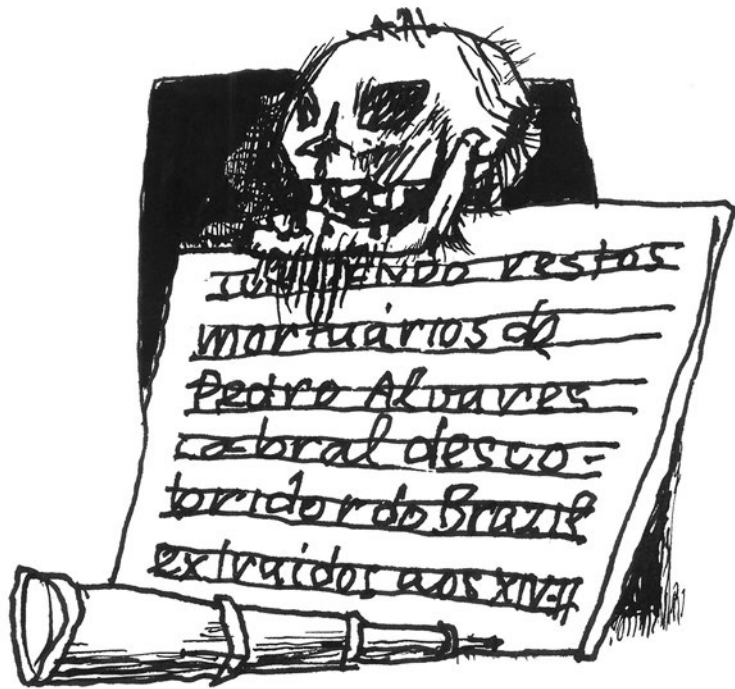
>> Acesse o movimento musical e a partitura de “Rua Fresca”

| MOVIMENTO MUSICAL |



| PARTITURA |





Pouy 92

na igreja da Nossa Senhora do Carmo  
arrancado do conforto da família  
um pedaço de Cabral embutido na parede

A origem da Igreja da Nossa do Carmo vem desde a primeira capela estabelecida na praça, no ano de 1761. Não tem similar a ela nas Américas. É a única igreja onde foram coroados dois imperadores – Dom Pedro I e Dom Pedro II – e sagrado um rei europeu – Dom João VI.



destinos tortuosos  
segredos de nossas ruas  
vultos coloridos  
desconfiados sentimentos  
que dançam  
cantam  
jogam  
cartas do baralho  
da intuição

o rei se foi  
a rainha se foi  
os imperadores também

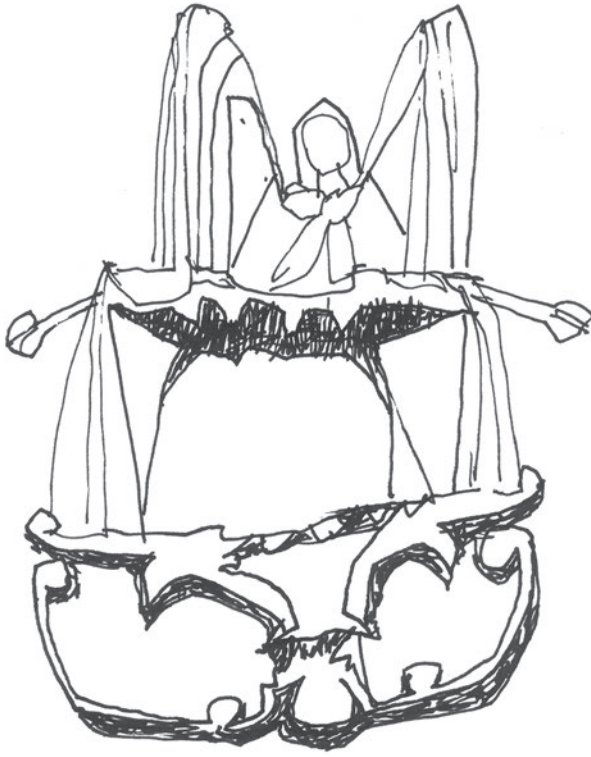
O Convento do Carmo foi construído como um anexo da Antiga Catedral. Após a chegada da família real portuguesa ao Brasil, que fugira de Lisboa durante a invasão das tropas de Napoleão, em 1807, o convento serviu de residência para Rainha Dona Maria I, A Piedosa ou A Louca. O contraste é grande desta edificação colonial com as torres da Faculdade Cândido Mendes, erguidas na década de 1970. Ao pisar no chão da atual Praça Quinze, D. Maria foi questionada: “Como ficaram os franceses que invadiram Lisboa?” Ela prontamente respondeu: “Ficaram a ver navios!”



Pouy 92

o Rio não tem compromisso  
com a eternidade  
sua mentalidade  
de agradar a gregos e americanos  
marca o desenho fumê-colonial  
do Convento do Carmo  
de onde Dona Maria a Louca  
com o diabo  
continua seu diálogo  
alucinante

Sim a Rainha Dona Maria I, foi a responsável pelo processo e pela execução de Tiradentes. Ela enlouqueceu, definitivamente, em 1799. Para ela o diabo perseguia seus passos. Considerava um erro a corte portuguesa ter autorizado a perseguição aos jesuítas. Por isso, o Príncipe Regente, Dom João VI, nunca deixava sua mãe andar só a lugar nenhum, colocando um número grande de guardadoras a sua disposição. Quando o barulho durante suas passagens espantava os desavisados, o Príncipe Regente dizia: “Isso é Maria que vai com as outras”.



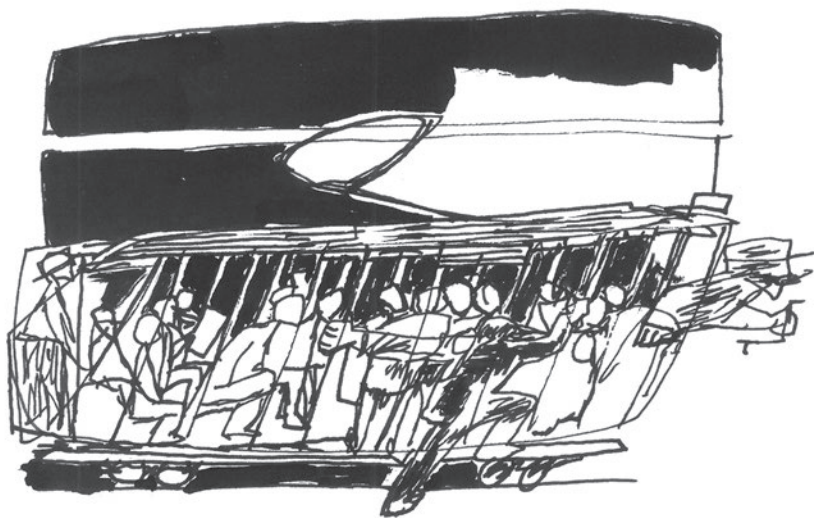
Pouy 92

coração da Virgem Maria  
chafariz sagrado

parto todos os dias  
de águas douradas  
esculpidas de amor

meia lua de ingenuidade  
misticismos noviciado

A capela do noviciado, da Igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, localizada imediatamente ao lado da Antiga Catedral, tem uma talha rococó do Mestre Valentim. O observador desde a entrada é envolvido por uma cascata dourada. Foram 20 anos que o artista dedicou a este trabalho.



Pouy 92

por aqui  
quando o roteiro dos trilhos  
rasga o asfalto  
o bonde  
do inconsciente coletivo  
nos leva  
até os limites  
da velha cidade que perdemos

No ano de 1757 uma esquadra francesa aportou no Rio. Em sinal de reconhecimento ao governador interino, Manuel Freire de Andrada, o almirante Flotte deu uma festa num dos navios. O governador, para retribuir a gentileza, mandou ornamentar a Casa dos Governadores, onde residia. Quando os convidados chegaram ao salão principal, tiveram uma surpresa, na festa só havia homens vestidos de mulher. Manuel Freire explicou que os portugueses residentes, ciosos de suas esposas e filhas, não consentiram que elas comparecessem. O governador não viu outra alternativa senão convocar os rapazes que perambulavam pelo porto e vesti-los de mulher. Segundo o escrivão da esquadra francesa, os convidados se divertiram. Foi assim o primeiro baile oficial do Rio de Janeiro.

>> Acesse o movimento musical e a partitura de “Primeiro Baile”

| MOVIMENTO MUSICAL |



| PARTITURA |





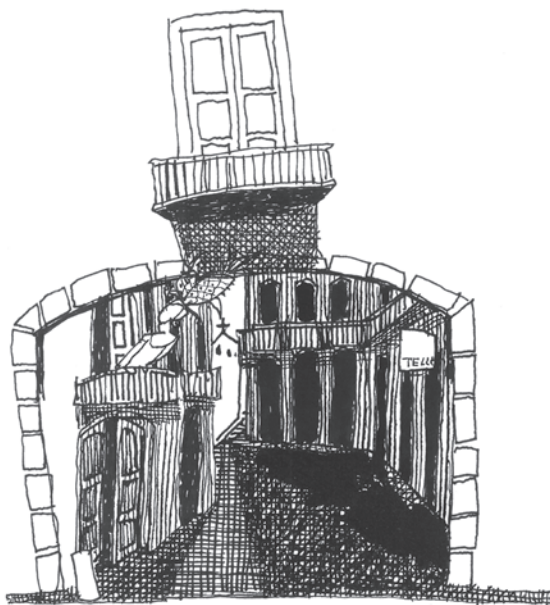
é noite  
no pátio vazio do Paço  
silêncio  
mistério  
peixes  
nas pedras seculares

foi aqui  
o primeiro baile  
oficial da cidade  
franceses  
navegantes musculosos  
por falta de mulheres  
mergulharam em corpos  
morenos  
dengosos  
deliciosos  
travestidos de longos  
requintados de ouro

Povy92

essa curiosa receita  
do governador  
faz até hoje  
muita gente se morder  
das experiências  
do nosso primeiro baile  
já um Gala Gay

A Casa dos Governadores, que sediou o baile, é hoje a mais importante construção da Praça Quinze. Transformado em Paço Real, com a chegada da corte portuguesa em 1808, ela passou a Paço Imperial depois da Independência do Brasil e sediou a assinatura da Lei Aurea pela Princesa Isabel. Depois da proclamação da República, o prédio foi sede da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (EBCT) até 1981. Atualmente é um centro cultural.



Pouy 92

antes do arco do triunfo  
Carmem Miranda  
no arco do Teles  
desfilou seus trunfos

a travessa do Comércio  
foi a passarela  
da chapeleira dos balangandãs  
abacaxis  
bananas

pequenos detalhes  
notáveis

Quem atravessa o Arco do Teles, entra na rua do Comércio. Logo no início, está o sobrado onde a cantora Carmem Miranda trabalhou como chapeleira.

>> Acesse o movimento musical e a partitura de “Chapeleira”

| MOVIMENTO MUSICAL |



| PARTITURA |





sangue de crianças  
brota meia noite nas paredes  
a bruxa trabalha a receita  
sobrevoa o quadrilátero  
inicia o ritual da ceia

na mão fatal  
a memória  
a história  
o rigor

para Bárbara dos prazeres  
os vivos  
não tem mais direito  
de rejuvenescer

No lado oposto do Paço Imperial, está na praça o Arco do Teles, entrada para a rua do Comércio. Ele faz parte de uma edificação de 1743, que abrigou o Senado no final do século XVIII. Conta a lenda que ali residiu a primeira bruxa brasileira, Dona Bárbara dos Prazeres, que começou a vida como meretriz e, na velhice, sobrevivia fazendo poções para rejuvenescimento com nada menos que sangue de bebês. Dizem que ela vez por outra aparece por lá. Foi numa taberna localizada imediatamente após este arco que o príncipe Dom Pedro I conheceu seu melhor amigo e co-autor de nossa primeira constituição, Francisco Gomes da Silva, o Chalaça.

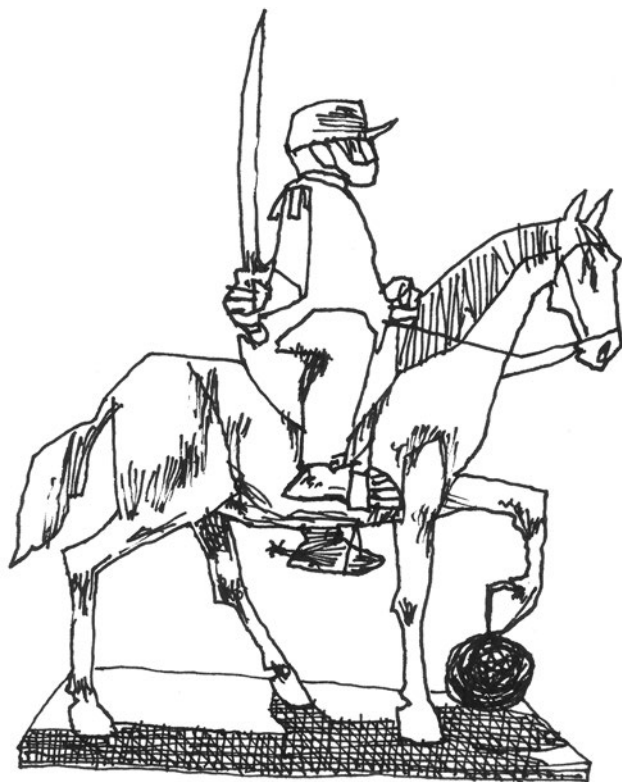
>> Acesse o movimento musical e a partitura de “Dona Bárbara dos Prazeres”

| MOVIMENTO MUSICAL |



| PARTITURA |





Pouy92

Bernadelli até que tentou  
trabalhar a realidade  
respeitar a natureza  
descalça doentia  
do falso herói

mas o exército fez de Osório  
sua Cinderela

São vários os monumentos erguidos na praça. Junto às barcas vemos uma imagem equestre de Dom João VI e a poucos metros o vulto rebelde do Almirante Negro, o marinheiro João Cândido, líder da Revolta da Chibata. Mas a centralidade foi dada ao General Osório, herói da Guerra do Paraguai, patrono da Cavalaria Brasileira, que ali foi enterrado junto com sua mulher. A grade que cerca a estátua é feita das lanças e canhões tomados aos paraguaios e a escultura, também foi feita de bronze derretido dos canhões inimigos. Curioso que ele não está de botas. É que por problemas circulatórios, tinha os pés sempre inchados, o que o impedia de calçá-las. O escultor Rodolfo Bernardelli optou por retratar o cavaleiro como ele costumava se apresentar, descalço. O exército, não concordou que um militar fosse eternizado sem sapatos e com isso chegou-se a um meio termo: a estátua foi calçada de mocassim.



Pouy 92

o vacilante  
nem apagou o baseado  
e começou a insultar  
o lobista engravatado  
no meio da onda urbana  
da Primeiro de Março

seu corpo deitado no asfalto  
flutuava

>> Acesse o movimento musical e a partitura de “Gênese Brasil n° 2”

| MOVIMENTO MUSICAL |



| PARTITURA |



# EPÍLOGO

O livro musical “Piaçaba e Acrescidos” veio para mim em um momento interessante, em que estou começando a estudar João do Rio, um parceiro do autor de leituras do Rio de Janeiro, e da alma das ruas e praças. Realmente, é algo valioso a memória da cidade, que no nosso caso se confunde com a memória do país, e dos próprios Impérios de Portugal e do Brasil. Sinto que essas contextualizações trazem um sentido de identidade muito poderoso, nos dando um espectro histórico humano muito vasto. Todos nós que nascemos aqui convivemos nesses espaços onde viveram imperadores e assassinos, centenas de milhares de escravos que eram submetidos às mais degradantes condições de vida, e a aristocracia que deles se servia para a manutenção de seus luxos.

**Quantas histórias de navegadores, de comandantes de exércitos, de religiosos e positivistas, de misturas entre as crenças de matrizes africanas, indígenas e de imigrantes de outras partes do mundo já tiveram lugar aqui. Que território rico o nosso! Certamente não só rico de coisas boas, mas também de podridão e miséria, mas afinal rico de humanidade, da nossa condição de homens e mulheres que buscam nessa terra lutar das formas que podem, buscar à sua maneira algum tipo de felicidade, errando e machucando uns aos outros sim, mas também rindo, escrevendo poemas, dançando, trabalhando por causas nobres e sem dúvida amando.**

Nas caminhadas ao Aterro do Flamengo, costumo ir ali para aquelas pedras no canto direito, caminho para Botafogo, e de lá olho a Baía. Que coisa tremenda ela é. E imaginar que por milênios a fio ela foi palco da mais extraordinária vida, hoje em grande parte dizimada pela insanidade em que nossa civilização se afundou. Imagino a chegada dos portugueses,

as primeiras edificações construídas, quando os índios ainda dominavam tudo. Depois as guerras que se sucederam, as doenças que foram dizimando etnias inteiras, e a escravidão indígena, tudo foi mudando a cara do lugar. Sem dúvida impérios se sustentam com violência e muito sangue. Mas julgar os que nos precederam (sem os quais não estaríamos aqui) a partir de um contexto histórico completamente diferente é sempre tarefa delicada. Importante mesmo é conhecer nossa história. Por isso este livro me alegrou. Ele lança luz sobre fragmentos desconhecidos da formação da nossa identidade.

**Os poemas, curtos, são muitas vezes quase aforísticos, simples, e nesse sentido parecem construir um sentido junto às belas imagens do Poty. Mas para mim a grande riqueza são mesmo as histórias, os causos, da nossa história brasileira e carioca. É claro que eles não se sustentariam sozinhos, mas como notas dos poemas e das imagens dão vida a eles. Me parece que os poemas sozinhos não teriam tanta força; as imagens sozinhas seriam apenas gravuras bonitas; mas com as histórias tudo ganha uma dimensão nova, de sentimento de identificação especialmente para os que aqui nasceram.**

É num mundo que parece muitas vezes querer esquecer sua história e só buscar o novo, o avanço econômico e tecnológico, o desenvolvimento como proposta de identidade, muito bem-vinda é essa recapitulação poético-histórica. Ela traz uma confortadora proposta de nos desligarmos um pouco das notícias massacrantes da mídia, que parecem querer nos desestabilizar, e olhar de novo para as bases de quem somos, de onde viemos, e de como estamos cercados de vida pulsante por onde andamos.

**Rodrigo Lima Prestes** é poeta e escritor.

# LETRAS DAS MELODIAS

## DO POEMA PARA ORQUESTRA

### 1 | GÊNESE BRASIL Nº1 - EVOCAÇÃO

Aqui nasci, esse é o meu quintal / Essa praça é a bolsa d'água/ Meu cordão umbilical/ Terra de Aimberê/ Meu terreiro da Polé/ Que me fez o mundo rodar/ Que me deu asas/ Para tudo e todos perdoar/ Mora aqui o meu cachimbo/ E o vento que estraçalha/ O mel e o sal das/ minhas botas e das sandálias/ Meu terreiro da Piaçaba/ Que me fez o mundo rodar/ Que me deu asas/ Para tudo e todos perdoar/ Silêncio, olha o batuque/ Ele traz solenes palavras/ A voz da minha terra que se chama Guanabara/ Meu terreiro do Carmo/ Que me fez o mundo rodar/ Que me deu asas/ Para tudo e todos perdoar/ Por aqui passaram reis, imperadores/ Milhares como escravos/ Outros, pomposos cruéis senhores/ Meu terreiro Dom Pedro/ Que me fez o mundo rodar/ Que me deu asas/ Para tudo e todos perdoar

### 2 | ABISSAL

Passos curtos – avô e neto/Bocas abertas, passos incertos/ Dois equilíbrios, numa bengala/ Passado e futuro, duas escalas/ O seco e o molhado de braços abertos/ O futuro e o passado são incertos/ Nas escadas do porto a rainha maldita/ O suor dos escravos, a História medita/ Não são somente de Portugal/ As águas do mar e o seu sal/ O passado e o futuro distância abissal/ O hoje e o agora que é imortal

### 3 | MORRO DO CASTELO

Do morro do Castelo/ Só resta a Esplanada/ Do berço do meu Rio/ A paisagem, a Guanabara/ A acrópole sucumbiu/ Suas portas e janelas/ Tudo se diluiu/ Abracadabra/ Nada ficou/ Nem mato, nem cachorro/ Pra Urca migrou/ O que restou do morro

#### **4 | ÍBIS DE PEDRA**

A Íbis de Pedra/ Levantou voo/ Sobre a Guanabara/ As asas elevou / Todo peso na hora/ Ficou para trás/ Seu voar agora/ Leveza de fractais / Pão de Açúcar/ Sua pedra / Levantou voo/ Toda Guanabara revoltou/ Toda sua História/ Ficou pra trás/ Seu voar a fora/ Leveza de fractais

#### **5 | PRIMEIRO BAILE**

É noite no Paço/ A lua ilumina o terraço/ Foi aqui o primeiro/ Baile da Cidade/ Navegantes franceses/ Em danças circulares/ Senhoras, meninas, donzelas/ Morenas, dengosas, deliciosas/ Debaixo das saias/ Meninos da vida/ Morenos, dengosos/ Deliciosos/ Curiosa receita do então vice-rei/ Nosso baile primeiro - um Gala Gay / Travestidos de longos/ Mergulharam nos corpos/ Navegantes franceses/ E nossos meninos do porto

#### **5 | RUA FRESCA**

Na antiga rua Fresca/ 40 graus na cabeça/ O relógio não é de areia/ É de gotas de suor/ No passado rua Fresca/ Hoje um túnel atravessa/ Clapp.../ Caiu a Perimetral/ A História da rua Fresca/ Pode parecer burlesca/ Mas um dia ela foi/ De pedra e cal

#### **6 | PHAROUX**

Louis Dominique/ Amigo de Napoleão/ Que veio para o Rio/ Era um tanto canastrão/ No seu hotel/ No cais Pharoux/ Para o príncipe Dom Pedro/ Fez um quarto todo azul/ As incontáveis gaivotas/ Que por lá sobrevoaram/ Vinhos franceses/ Bebericaram/ Um dia Dominique/ Voltou para Paris/ Abandonou as gaivotas (...estão lá)/ Do cais Pharoux

## **7 | CHAPELEIRA**

Na janela do sobrado/ Saudades de Portugal/ A chapeleira entoava/ Todo dia seu madrigal/ A travessa do Comércio/ Se enchia para ouvir/ A menina que um dia/ Todo mundo ia descobrir/ No lugar de um chapéu/ Vestiu bananas, abacaxis/ No braço os penduricalhos/ Chamaram os pedidos de bis/ Na travessa do Comércio/ Foi que tudo começou/ Foi daquela ruela/ Que ela o mundo conquistou

## **9 | DONA BÁRBARA**

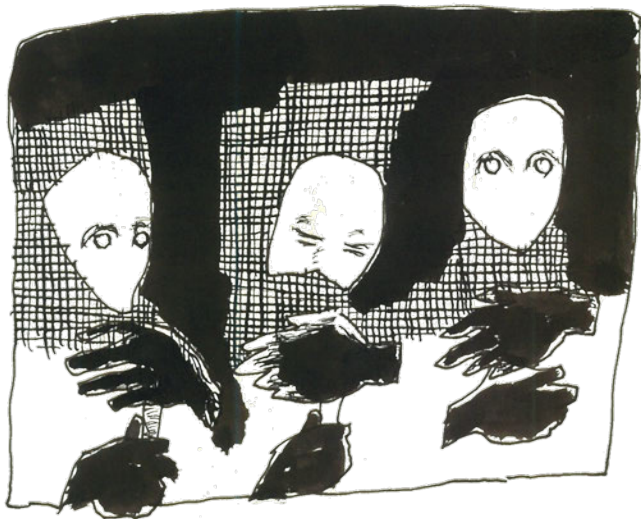
A vaidade é o ponto de partida/ Da receita, nela o desejo de voltar/ Para o que fomos um dia/ Sem as rugas e os fracassos/ Que tivemos que aceitar/Dona Bárbara sobrevoa/ A praça... para captar/ Poções da vaidade humana/ Para no Arco do Telles/ Com sangue misturar

## **10 | A PRAÇA DA BALEIA**

O corpo daquela baleia/ Encalhada no centro do Rio/ Desenhou os limites da praça/ E o tamanho dos seus desafios/ Porque Quinze, porque Piaçaba/ Dom Pedro, Polé?/ Tinha que ser da baleia o nome/ Desse pedaço do Rio/ O chafariz da baleia/ O Mestre Valentim/ Devolveu a praça – provou/ O passado nunca tem fim

## II | GÊNESE BRASIL N° 2

Aqui nasci, esse é o meu quintal/ Essa praça é a bolsa d'água/ Meu cordão umbilical/ Terra de Aimberê/ Meu terreiro da Polé/ Que me fez o mundo rodar/ Que me deu asas/ Para tudo e todos perdoar/ Mora aqui o meu cachimbo/ E o vento que estraçalha/ O mel e o sal das minhas botas e das sandálias/ Meu terreiro da Piaçaba/ Que me fez o mundo rodar/ Que me deu asas/ Para tudo e todos perdoar/ Silêncio, olha o batuque/ Ele traz solenes palavras/ A voz da minha terra que se chama Guanabara/ Meu terreiro do Carmo/ Que me fez o mundo rodar/ Que me deu asas/ Para tudo e todos perdoar/ Por aqui passaram reis, imperadores/ Milhares como escravos/ Outros, pomposos cruéis senhores/ Meu terreiro Dom Pedro/ Que me fez o mundo rodar/ Que me deu asas/ Para tudo e todos perdoar



Pouy 92

# MEMÓRIA CRÍTICA

## REFERÊNCIAS MUSICAIS

Nunca ouvi nada igual a obra “Piaçaba e Acrescidos”, de autoria de Luiz Carlos Prestes Filho. Mas, por outro lado, parece que ela é minha velha conhecida. Dentro de sua estrutura visualizei centenas de referências de muito do que interpretei na Orquestra Sinfônica Nacional (OSN), ao longo de 30 anos. O movimento “Gênese Brasil n° 1 - Evocação” me emocionou a ponto de trazer lágrimas. É uma introdução com narrativa forte e tecnicamente bem realizada. Ao longo dos outros oito movimentos fiquei aguardando o retorno desta melodia inaugural. O que acontece no movimento n° 9: “Gênese Brasil n° 2 - Grande Final”. A obra “Piaçaba e Acrescidos” é uma caminhada musical. Seus movimentos se complementam, todos estão interligados pelos mesmo fio condutor, através de dissonâncias e consonâncias sonoras. Muito da música brasileira de concerto que conheço e toquei está nesta obra.

**Miquelina Jorge** é Violinista aposentada da Orquestra Sinfônica Nacional

## ELEMENTOS POLIESTILÍSTICOS

A obra “Piaçaba e Acrescidos” de Luiz Carlos Prestes Filho é marcada pelo poliestilismo. Nos primeiros movimentos ela é absolutamente tonal, traz frases do barroco de um Padre José Mauricio, e frases românticas de um Carlos Gomes. O movimento “Gênese Brasil n° 1” nos convida para uma caminhada lírica - lúdica. Nos primeiros seis movimentos ele retrata as terras, que viriam a formar o Brasil, sendo invadidas pelos portugueses. Retrata o heroísmo da resistência do líder da Confederação do Tamoios, Aimberê; a escravidão; lugares e acontecimentos da colônia e do império que fomos. A partir do movimento n° 7, “Íbis de Pedra”, ele traz frases

musicais indígenas e começa a introduzir elementos da atonalidade que termina triunfando. Destaque para “Dona Bárbara”. Neste, que é o movimento n°8, vemos a desordem urbana do Rio de Janeiro de hoje; a criminosa remoção do Morro do Castelo; e os fragmentos da nossa História que sobreviveram. Aqui me vem à lembrança o moderno José Siqueira e o contemporâneo Ronaldo Miranda. Com apuro técnico, aos poucos, o tema romântico volta. Finalmente, em “Gênese Brasil n° 2” acontece a afirmação da beleza e da grandeza do Brasil. O compositor através do poliestilismo ampliou as fronteiras do espaço e do tempo, abraçou os cinco séculos que formaram a nossa identidade nacional.

**Rosária Filgueira** é Pianista, Presidente da Cia Bachiana Brasileira

## **CADÊNCIA APAIXONANTE**

A obra de Luiz Carlos Prestes Filho, “Piaçaba e Acrescidos” é muito musical. Me apaixonei pela cadência. As melodias estão todas interligadas, por vezes parece que existe somente uma melodia que atravessa variações múltiplas. Senti que o autor persegue insistentemente um tema que tenta escapar. Tema que parece que escapa, mas volta com todo o seu esplendor. A narrativa do libreto traz uma pesquisa original sobre a trágica História da formação de nosso país. Por isso, senti falta de mais tensão e violência. O autor, na maioria das vezes, é muito cordial, diria até que ele foi muito gentil frente as atrocidades que o povo viveu ao longo da História. Cada movimento merece vozes de um canto coral que pode ter a interferência de sopranos e contraltos.

**Miguel Proença** é Pianista de renome internacional, atuou em todo o Brasil e em todo o mundo, como camerista e solista

## **CAMINHADAS SONORAS**

Esplendorosa a obra “Piaçaba e Acrescidos”. Os arranjos estão bem resolvidos. A tecnologia disponível para gravação foi utilizada de maneira sutil e exata. Não tem exageros. A ideia de narrar a História do Brasil através da música recebe meu: “Bravo!” Merece - também - caminhadas sonoras pela Praça Quinze de Novembro que fica no centro da cidade do Rio de Janeiro. Local onde nasceu a nossa nação, espaço urbano hoje tão esquecido, apesar de ser intensamente usado.

**Lucas Bueno** é Compositor, Intérprete e Instrumentista

## **MÚSICA IMAGÉTICA**

Valsas, afetos e música imagética, pelos caminhos da intuição. Esta é a síntese de “Piaçaba e Acrescidos”. Luiz Carlos Prestes Filho é um criador-produtor nato, um homem-show, contador de histórias, compositor de música, e produtor de espetáculos. Bravo!

**Claudia Castro** é Flautista, Professora de Música

## **CLÁSSICO, POPULAR E ARROJADO**

Entre a tradicional harmonia da música erudita e a modernidade instigante do atonal, transita este surpreendente trabalho musical do compositor Luiz Carlos Prestes Filho: “Piaçaba e Acrescidos”. Subdividido em vários movimentos a música de Prestes Filho inova, pois mistura frases quase conhecidas com achados melódicos que você nunca ouviu e que um dia, talvez, vá ouvir. Trata-se de uma corajosa composição clássica, popular e arrojada que vale a pena conferir. Eu conferi e aplaudi. Parabéns ao autor.

**João Roberto Kelly** é Compositor e Professor de harmonia

## NOSTALGIA

Acabei de ouvir todos os movimentos da obra “Piaçaba e Acrescidos”. As melodias singelas e tocantes capturam bem a nostalgia das ‘três raças tristes’. A variedade e sutileza da percussão traz um colorido especial e abre espaço para a utilização do rico manancial percussivo do Brasil. A estrutura está muito bem acabada também, sem repetições desnecessárias. Sem dúvida, se ainda trabalhasse como regente, teria todo interesse em interpretá-la. Adoraria botar a mão na massa, juntamente com Luiz Carlos Prestes Filho, e ver a música nascer fisicamente. Espero que o autor continue criando, compondo, adaptando, arranjando valendo-se da riquíssima tradição musical do Brasil. Parabéns mais uma vez e mantenha-me por favor informado sobre a estreia da peça.

**Leandro Carvalho** é Maestro

## PIAÇABA E ACRESCIDOS

UMA VIAGEM AO PASSADO DA PRAÇA QUINZE, O VELHO CORAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

Depois da tentativa de fundação da cidade no Morro Cara de Cão, na boca da Foz/Baía, foi na Praia da Piaçaba, hoje Praça Quinze, que surgiu a outra versão de minha cidade. O Morro Cara de Cão ainda está lá, mas, infelizmente, o Morro do Castelo desapareceu. Luiz Carlos Prestes Filho (LCPF) nos conta esta história através da poesia, textos e música em seu extraordinário livro musical “PIAÇABA E ACRESCIDOS”.

Nobres e mendigos, mercadores e escravos, artistas e religiosos moraram ou passaram pela Piaçaba, Terreiro da Polé, Largo do Carmo ou Largo do Paço e Pedro I, hoje Praça Quinze. Vejam a CHAPELEIRA que morou num de seus becos: “Lá na janela do sobrado/Saudades de Portugal/A chapeleira

entoava/ Todo dia seu madrigal/ A travessa do Comércio/ Se enchia para ouvir/ A menina que um dia/ Todo mundo ia descobrir/ No lugar de um chapéu/ Vestiu bananas, abacaxis/ No braço os penduricalhos/ Chamaram os pedidos de bis/ Na travessa do Comércio/ Foi que tudo começou/ Foi daquela ruela/ Que ela o mundo conquistou”. O nome dela era CARMEN MIRANDA.

**Luiz Carlos Prestes Filho revisita os personagens ligados a este lugar mágico: do índio AIMBERÊ, segundo o poeta o verdadeiro fundador do Rio de Janeiro, ao Almirante negro JOÃO CÂNDIDO. Ou de MESTRE VALENTIM a JOSÉ MAURÍCIO NUNES GARCIA. “Aqui nasci, esse é o meu quintal /Essa praça é a bolsa d’água /Meu cordão umbilical”. Acompanho a afirmativa do historiador ALESSANDRO VENTURA DA SILVA quando ele afirma que a obra indica “sem reticências um lugar que é patrimônio do Brasil e que se oferece ao conhecimento através das descrições literárias, pelas pinturas e pelas composições musicais.”**

A música de LCPF é fluente, natural, pontuando com propriedade as qualidades do texto. O Diretor Musical é o Maestro LUIZ EDUARDO DE OLIVEIRA. As notáveis ilustrações de POTY LAZZAROTO aproveitam as sugestões das fibras vegetais da piaçaba. A música, do próprio poeta, emoldura este belo Oratório, revelando um outro talento de LCPF, o musical, além de denunciar a sua sólida formação cinematográfica.

O Livro-Oratório nos traz de volta uma trajetória poética do coração histórico do Rio de Janeiro e que, hoje, está totalmente transfigurado. A vida é assim mesmo: tudo muda. A propósito, o poeta/músico/cineasta ironicamente afirma que “o Rio não tem compromisso/com a eternidade/sua mentalidade/de agradar a gregos e americanos/marca o desenho fumê-colonial/do Convento do Carmo/de onde DONA MARIA a LOUCA/com o diabo/continua seu diálogo/alucinante.” Com uma certa nostalgia,

que também é a minha de carioca da gema “do século passado”, o artista conclui que “do berço do Rio/não resta/um só detalhe/nem se pode imaginar/arqueologia/é várzea/o morro do Castelo/símbolo do nosso início/se diluiu/pela Guanabara/em partes/migrou para Urca.”

**Eu ousaria discordar do Poeta. Afinal de contas ainda estão lá a fachada do Convento das Carmelitas, a Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Antiga Sé, a Igreja da Ordem Terceira do Carmo, a Igreja da Santa Cruz dos Militares, o Chafariz e as Talhas em Madeira do MESTRE VALENTIM, o Paço Imperial, a mesma rua Direita (hoje rua 1º de Março), o Arco do TELES e, à noite, algumas almas, de escravos e de senhores, que perambulam por lá desde o século XVI. Tudo isso tendo como cenário a Baía de Guanabara (esta ninguém tasca). Agora, se juntaram a esta multidão de mortos e vivos, os moradores de rua (nem mortos, nem vivos).**

**Ricardo Tacuchian** é compositor, maestro e professor;  
Doutor em Música pela University of Southern California;  
foi presidente da Academia Brasileira de Letras

# RÉQUIEM À ANTIGA PIAÇABA:

DOS INDÍGENAS CONFEDERADOS À PRAÇA  
QUINZE CONTEMPORÂNEA.

**Alessandro Ventura da Silva** é Doutor em História pela Universidade de Paris III - Sorbonne, França, Professor, Tradutor e Consultor

Há um dogma acerca do loteamento central que deu esteio aos acontecimentos políticos nos anos iniciais da incursão portuguesa no Rio de Janeiro. De acordo com esta doutrina, os pedestais de Estácio e Mem de Sá como fundadores da cidade teriam sido erguidos sobre fundamentos sólidos, assim como era digna de registro nos anais dos acontecimentos políticos da cidade, a irrefutabilidade da Urca como sítio fundante da cidade do Rio de Janeiro. De todo modo, na sequência aparente dos acontecimentos se disfarça um problema histórico a ser considerado, que é tanto o da emergência de outros lugares como matrizes dos eventos políticos e bélicos do período de constituição da cidade quanto o do silenciamento de figuras importantes ao longo da história. Prova desta leitura está no fato do arco da história ter tendido para logradouros que orbitavam em torno da atual Praça Quinze de Novembro, inicialmente Praia da Piaçaba. Diante de tantos fatos, seria instigante propor a idéia da Praia da Piaçaba, Praia do Peixe, Terreiro da Polé, Largo do Carmo e arredores - as distintas nomeações que recebeu a atual Praça - como logradouros que estruturaram, plasmaram e se constituíram durante séculos em eixos importantes da vida política, social e cultural de toda história do Rio de Janeiro.

No momento em que os colonos ensaiavam a escrita dos capítulos iniciais da invenção da América Portuguesa, o acidente geográfico atualmente desaparecido, a Praia da Piaçaba, foi o teatro onde foram germinadas as

tensões que mais tarde eclodiriam em outras partes do globo. A violência que marcaria os confrontos entre as distintas concepções religiosas na Europa foi antecipada aqui em mais de século pelos representantes dos projetos de dominação econômica, política e religiosa franco-portuguesa. O arrebatamento edênico das primeiras impressões cederam lugar a uma guerra sanguinolenta em que foram vitimizadas centenas de homens e mulheres que pelejavam a favor e contra o direito de exploração do território. Neste quadro, a literatura histórica dá conta de que em 1555, enviado pelo conde de Coligny, o francês Nicolau Durand de Villegaignon invadiu o Rio de Janeiro com dois navios com aproximadamente seiscentos homens, entre católicos e protestantes [1]. Esses homens se instalaram numa das ilhas da Baía da Guanabara, praticamente em frente a Piaçaba, que denominaram França Antártica, hoje Ilha de Villegaignon. Ali construíram o Forte de Coligny, para enfrentar a reação portuguesa. Esse foi um período de intensos conflitos entre as diversas propostas de administração territorial [2].

Como espaço intercomunicante entre poderio bélico e os eventos de natureza política, a região da Piaçaba vê emergir umas das maiores resistências às pretensões européias em dominar o território, a personagem guerreira de Aimberê, como também a defenestração da autoridade territorial de figuras como Estácio de Sá. Os ameríndios situados à costa de São Sebastião, confederados sob o nome de Tamoios, deram demonstrações de grande habilidade para agenciar a disputa entre os franceses e portugueses e pautá-las sob seus próprios termos [3]. O clérigo quinhentista Simão de Vasconcelos, autor da obra *Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brazil*, e responsável por parte das informações disponíveis sobre o episódio, caracteriza a coalizão entre ameríndios e franceses como uma “confederação” que contava com um cacifado poderoso como Cunhambebe e Aimberê. Por sua vez, Jean de Léry, em *Histoire d’un voyage au Brésil*, se refere aos ameríndios de forma quase idêntica ao considerá-los como “seus confederados”.

É digno de registro o fato da liderança de Aimberê na Confederação ter forçado os portugueses a repensar suas estratégias de dominação territorial. Numa dessas menções, o Padre Manuel da Nóbrega em carta dirigida ao Infante Dom Henrique de Portugal forneceu indícios de preocupação sobre a necessidade de reconfiguração da cidade: ‘Parece muito necessário povoar-se o Rio de Janeiro e fazer-se nele outra cidade’ [4]. De igual modo, era na capacidade de articulação dos ameríndios que Pierre Clastres desenvolveu sua tese sobre a sociedade contra o Estado; numa de suas aplicações, Clastres se refere à Aimberê como um chefe de guerra com notáveis habilidades de pactuação supra-locais. De acordo com Beatriz Moisés-Perrone, outro especialista descreve que “aos poucos, durante quase dois anos, debaixo de tiros e flechas ervadas, sob o governo do capitão-mor Estácio de Sá, a cidade constituiu-se formalmente” [5]. Depreende-se que a agitação bélico-política associada às desordens do pós-invasão luso-francesa às margens da Piaçaba esbarrou na complexidade da resistência de uns dos personagens mais fascinantes do Brasil do século XVI.

Isto posto, se as estratégias de Aimberê reduziram o escopo de manobra e obrigou Estácio a refundar de uma cidade que já existia anteriormente, o século XVII viu a Piaçaba mudar de nome, mas sem perder importância como torrão sócio-político e cultural. Contíguo à margem, do lado esquerdo, foi erguida a ermida de Nossa Senhora do Ó, o que por alguns anos deu à ao núcleo original do Rio de Janeiro o nome de Terreiro do Ó. Maior marcador da história brasileira, a faceta escravocrata do Brasil colonial se revelava no espetáculo do açoitamento de seres humanos de origem africana que foram trazidos para o regime servil na América Portuguesa. A expansão da força de trabalho africana gerou efeitos deletérios para a sociedade colonial: as revoltas dos escravizados. Em consequência, a necessidade de imposição de controle fez com que a região fosse acrescida de sua primeira construção coercitiva: um Pelourinho. Esse acréscimo, para além da alteração toponímica, a mudança de nome para Terreiro da Polé, se

tornou o lugar onde noturna e diuturnamente a dignidade humana era devastada através do açoitamento público de africanos [6].

O fato histórico deste espaço ter funcionado como teatro da violência colonial escravista não impediu que o Terreiro da Polé estivesse arquiteturalmente confraternizado com o poder religioso. No século XVII, em meio às cenas de negros em farrapos sendo chicoteados, foram erguidas instituições como o convento e as igrejas da Ordem Terceira do Carmo. A presença dessas instituições neste perímetro citadino foi um dos motes funcionais para a alteração do nome da área para Largo do Carmo. A normalização da convivência de escravidão e poder religioso ganhou ainda mais monumentalidade simbólica em 1770 com a construção neste mesmo logradouro da primeira Sé do Rio de Janeiro: é a instituição onde repousa os restos mortais de Pedro Álvares Cabral.

Este fato coloca o Largo do Carmo sob um ângulo ainda mais histórico-político. Lugar de tortura e castigos brutais públicos, do século XVI até o início do século XIX, precisamente na Praia do Peixe, este perímetro pode ser considerado como um dos principais locais de desembarque de africanos das Américas. Antes de serem submetidos ao regime servil compulsório, os trabalhadores forçados recém chegados eram negociados na Rua Direita, atual rua Primeiro de Março, num estranho espetáculo público. De acordo com fontes históricas do período, era justamente ali na Praia do Peixe que se praticava “o terrível costume de tão logo os pretos desembarcarem no porto vindos da costa africana, entrarem na cidade através das principais vias públicas, não apenas carregados de inúmeras doenças, mas nus [7]”. Por mais que essa tenha sido a aposta para o enriquecimento da elite colonial brasileira, o quadro em que negros e negras maltrapilhos, moribundos, carregados de moléstias e despídos vagassem em pleno centro urbano do Rio de Janeiro acabou por afetar a sensibilidade de membros da elite do vice-reinado, e em 1774, foi estabelecida uma nova legislação para a

transferência do mercado de escravos (sic) para a região do Valongo, mais ao norte da região central [8].

A sucessão dos acréscimos morfológicos ocorridos no espaço refletiam a magnificação das funções que a cidade do Rio de Janeiro foi adquirindo no contexto brasileiro e internacional [9]. A inauguração do primeiro cais da cidade do Rio de Janeiro, posteriormente Cais do Pharoux, reflete em parte este movimento. O principal embarcadouro da cidade teve que adequar-se às transformações necessárias à majoração das cifras do comércio, tráfico de pessoas e de produtos que singravam os mares indo e vindo de diversos países. Ainda em atendimento às necessidades de conformação das estruturas portuárias às novas demandas da cidade, o ano de 1789 viu ser erguido um chafariz piramidal na beira do cais, rubricado por Mestre Valentim. A função do Chafariz era abastecer com água as embarcações que ancoravam próximas ao cais. Neste quadro de metamorfoses intensas, o local passou a ser chamada de Largo do Paço pois ali se encontrava o edifício que foi residência dos Governadores Gerais (1743), dos Vice-Reis (1763), da Corte Real portuguesa (1808) e do Império (1822).

O Terreiro ou Largo da Paço já vinha se tornando um logradouro dos mais valorizados na região central da cidade quando, por iniciativa de Marquês de Pombal, a partir de 1763 o Rio passou a condição de capital do vice-reino do Brasil. Porém, o Largo do Paço foi o local de desembarque da Corte Real Portuguesa e sua comitiva em 1808. Efeito dos desdobramentos do tabuleiro geo-político europeu, a presença da corte transformou o Rio de Janeiro num caso específico no planeta: encravado no sul do continente americano, o Rio de Janeiro se tornou capital de um Reino europeu, a única capital européia cujo endereço era o litoral atlântico ao sul do continente americano. Dado que a oficialidade administrativa estava praticamente circunscrita a antiga Piaçaba, é difícil encontrar uma comarca colonial com tanta capitalidade político-administrativa. Assim, o Largo do Carmo

vê sua importância reforçada como residência administrativa do príncipe-regente e habitação de parte expressiva dos membros da esquadra real. Com todas as transformações no estatuto político-administrativo da cidade do Rio de Janeiro, o alvorecer do século XIX viu o poder religioso referendar o Largo do Paço como perímetro simbólico-representacional do poder político. A começar pelo impacto simbólico do desembarque de Dom João VI no Largo do Paço em 1808, Ricardo Bernardes sugere que este marco territorial foi ainda mais dignificado na execução pelo regente Padre José Maurício Nunes Garcia de um *Te Deum* bem no momento da chegada do Príncipe, na Igreja Nossa Senhora do Monte do Carmo [10]. Após a morte de Maria I, teve lugar a sagração de Dom João VI como rei de Portugal na cidade do Rio de Janeiro em 1816, na Igreja do Carmo, em pleno Largo do Paço. Esta mesma igreja, no lugar que já foi a Praia da Piaçaba também sediou as cerimônias de sagração dos imperadores Pedro I e Pedro II. A julgar por todas essas evidências históricas, é improvável que o Largo encontre sítio correlato nas Américas: na Antiga Sé foi estendido o arco histórico-temporal que guarda desde os restos mortais de Pedro Álvares Cabral até a Sagração dos Imperadores do Brasil.

Não obstante o peso simbólico desses rituais, verdade é que a vida cotidiana do Largo do Paço não era constituída apenas de cerimonial político-religioso. Pompas à parte, esses eventos eram mais exceção do que regra. Viajantes do período testemunham um cenário muito menos nobilitado em que “chega o escravo ao Brasil. O que se salva sobe o pontavante da Alfândega para receber o imposto fiscal, que é o selo com que a civilização no país tributa o braço que vem trazer à terra o bem-estar e a fartura. É um esqueleto que mal se põe em pé, coberto de chagas e vermina” [11]. Sobre a funcionalidade da mesma região do Largo e arredores no trato com o sistema escravocrata, outro testemunho dá conta de que os africanos “antes viviam disseminados pelas ruas centrais, depois de desembarcados na Alfândega, nos fundos da rua Direita - e conta-nos o vice-rei que eram como «animais selvagens», nus, cheios

de molestias, e de tal maneira que as pessoas honestas não se atreviam a chegar nas janelas” [12]. A impiedosa exploração escravista encontrou na região do Largo o mínimo de estrutura econômica que assegurava o cortejo de africanos Minas, Nagôs, Benguelas e Iorubás. Este também foi o sítio, que passava pelo Arco dos Teles e rua dos Mercadores até a chegada na Alfândega, onde os africanos eram taxados como mercadorias, o imposto para o Brasil, destinado às melhorias e aperfeiçoamento desta civilização.

O processo de desagregação da aparelhagem escravista despejou no Largo do Paço o contingente populacional que teve o pior ponto de partida na transição do regime de trabalho servil para o esquema de trabalho assalariado. Apesar dos estudiosos e setores de movimentos sociais terem acertadamente direcionado suas análises dos efeitos da assinatura da Lei Áurea na resistência escrava, não deixa de ser impressionante a confirmação do Largo do Paço como lócus que amalgamou as lutas desde os indígenas com Aimberê até a culminância da resistência negra que obrigou as elites a formalmente abolir a escravidão. Os registros fotográficos da assinatura da Lei Áurea deixam entrever tanto uma faixa do Morro do Castelo quanto uma multidão ávida de esperança. O Morro do Castelo, não o Cara de Cão, Morro fundante da cidade historicamente tenaz, resistente e combativa, o Morro do Castelo que ao longo da história abrigara muitas das comunidades negras, teve a mesma fortuna das tópicas pelas quais as camadas populares criam algum tipo de apego: a destruição numa reforma urbanística em 1922. Em suma, a natureza degradada que margeia a antiga Praia da Piaçaba e atual Praça Quinze configura o testemunho das diversas invasões que dizimaram as populações nativas e cujos benefícios são difíceis de encontrar. Mas há o testemunho do Convento, as Igrejas e Paço Imperial que certificam o vínculo do poder religioso e político. Atualmente o século XIX está representado nos monumentos erguidos em homenagem ao General Osório e a Dom João VI. Este último foi sagrado em uma das igrejas situadas na Praça, aquele foi buscar glória nas ruínas

do povo do Paraguai. Mas a Praça Quinze alberga um monumento em homenagem a um militar que lutou pela dignidade da pessoa humana cujo teatro de luta teve lugar bem às margens da antiga Praia da Piaçaba, atual Praça Quinze de Novembro: João Cândido, que com Aimberê, se tornou o símbolo de luta política contra a arbitrariedade e aviltamento praticados no atual território do Brasil desde o século XVI.

Materialização simbólica da riqueza sócio-cultural e política, a antiga Piaçaba e atual Praça Quinze é plena de evocação literária, musical e estética. Dado que o espaço foi se firmando como o teatro de diversos atores sociais em conflito, este perímetro se prestou a inspirar pintores, literatos e compositores. Da envergadura de Gonçalves de Magalhães poetizando as batalhas da Confederação dos Tamoios às pinceladas da tela de Rodolfo Amoedo pode-se sentir a proximidade das múltiplas cidades que foram semeadas ao longo da história deste espaço. Em grande medida contempladas em seus dramas históricos-políticos, algumas obras como o próprio poema de Magalhães, “Confederação dos Tamoios”, o “Oratório Piaçaba e Acrescidos” de Luiz Carlos Prestes Filho, e os quadros de Jean-Baptiste Debret e Heitor dos Prazeres com vistas para o Largo, parecem transformar o espaço originário da Piaçaba num prisma integral das diversas temporalidades da cidade. Nessas obras, lastreadas de historicidade, de vestígios do passado e diálogo franco com as experiências estéticas contemporâneas, o futuro do horizonte de possibilidades está irmanado com o pretérito do lugar, ao mesmo tempo em que o presente é passado a limpo. Piaçaba e suas transformações indica sem reticências um lugar que é patrimônio do Brasil e que se oferece ao conhecimento através das descrições literárias, pelas pinturas e pelas composições musicais.

## Referências

- [1] Andrea Daher. O Brasil francês: as singularidades da França equinocial, 1612-1615, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- [2] Idem.
- [3] Beatriz Moisés-Perrone, Notícias de uma certa Confederação Tamoio. Mana, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 401-433, 2010.
- [4] Manuel da Nóbrega. Carta ao Cardeal Infante D. Henrique de Portugal”, 01/06/1560.
- [5] Idem, Moisés-Perrone.
- [6] Alexandre José Mello Moraes, Chronica geral e minuciosa do imperio do Brazil: desde a descoberta do Novo ou América até o ano 1879. Rio de Janeiro, Typographia Carioca, 1879.
- [7] Júlio César Medeiros da Silva Pereira, À flor da terra: o cemitério dos pretos novos no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro : Garamond : IPHAN, 2007.
- [8] Idem.
- [9] Flávia Brito do Nascimento. A Praça XV do Rio de Janeiro como patrimônio cultural: história e materialidade em disputa, Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. n.14, 2018, p.297-324.
- [10] Ricardo Bernardes. “José Mauricio Nunes Garcia e a Real Capela de D. João VI no Rio de Janeiro” In: Revista Textos Brasileiros, 41-45, 2014.
- [11] Luiz Edmundo – 1878/1961, O Rio de Janeiro no Tempo Dos Vice Reis, Aspectos da cidade e das ruas.
- [12] Noronha Santos, As Freguesias do Rio antigo. Rio de Janeiro, Edições Cruzeiro, /s.d.

# UM RIO EM FORMA DE ORQUESTRA

Ivan Alves Filho é Historiador pela Universidade  
Paris VIII, Sorbonne, França

Há um lirismo extraordinário - eu diria, até: arrebatador - nessa obra para orquestra de Luiz Carlos Prestes Filho e nos poemas que acaba de publicar sobre o Rio de Janeiro, com foco na Praça Quinze, apontada como “o coração da cidade”.

Com efeito, ali se localizava a antiga Praia da Piaçaba. Foi nessa mítica Praça Quinze que ocorreu a primeira resistência indígena do Rio de Janeiro. O Dia do Fico, ou o lançamento do manifesto fundamental para a obtenção da nossa Independência política, redigido por José Bonifácio, também se verificou ali. Mais: nesta mesma Praça Quinze o revolucionário baiano Cipriano Barata seria ovacionado pelo povo, após deixar as masmorras da Ilha das Cobras. E a Lei Áurea, que consagraria juridicamente a primeira revolução social brasileira, seria assinada na Praça Quinze (afinal, materializava a mudança do modo de produção, iniciando a passagem, ainda que não fosse de forma direta, do escravismo para o capitalismo). Como se não bastasse, a Praça Quinze homenageia a nossa tão combatida República. É não só: seria ainda palco de movimentos sociais contra a carestia, em meados do século XX. De cortar o fôlego. Eis aqui um mérito incontestável do autor, uma grande percepção sua realmente: a Praça Quinze como espaço privilegiado das transformações sociais. Em tempo: acompanha a criação musical um livro igualmente magnífico, pela qualidade dos textos nele estampados, pela amplitude do reexame histórico que propõe, logrando nos esclarecer e muito a respeito da ação dos primeiros colonizadores europeus da cidade. Os acontecimentos que marcaram aquela área fundamental do Rio de Janeiro

vão sendo pontuados criteriosamente ao longo do livro e isso realmente impressiona. Tudo ilustrado, de quebra, por um bamba: Poty Lazzarotto, o artista paranaense que o Brasil inteiro aprendeu a admirar.

*Piaçaba*  
*voltar para o útero*  
*Aimberê*  
*imagem primeira do Rio*

Trata-se de um passeio pelo Rio de Janeiro dos tempos primeiros, de uma sonoridade que nos envolve, como envolvente é o próprio Rio de Janeiro, esse extremo Ocidente banhado pelo Atlântico e habitado por um povo insubmisso, desde os índios tamoios.

A abrangência musical é perfeita, incorporando elementos sonoros do barroco, por exemplo, adaptando-se assim às mais diferentes fases artísticas ou momentos culturais que marcaram o Rio de Janeiro. História e Arte entrelaçadas. Tudo junto e misturado. Um belo encontro.

Um passeio e uma surpresa, também. Apesar de ser amigo do Luiz Carlos, o Carlinhos, há dezenas de anos, e saber de sua ligação com o mundo do samba, eu desconhecia totalmente o seu talento de compositor. Ainda mais de música de concerto. Deliciei-me com sua *Piaçaba e Acrescidos*, cuja linha melódica nos remete ao que há de mais criativo em nossa música para orquestra. A força telúrica da obra realmente emociona, provoca um impacto certo no ouvinte.

Sou historiador de ofício e não possuo formação musical, mas isso não me impede talvez de registrar aqui o quanto este trabalho me sensibilizou. Terno, comovente, produzido e conduzido da forma mais profissional possível, com arranjos magníficos, essa *Piaçaba e Acrescidos* se faz acompanhar por questionamentos pertinentes no tocante ao desenvolvimento do Rio de Janeiro. Meu amigo mergulhou fundo na formação da cidade, na alma da cidade, com uma sensibilidade própria,

mas também com um conhecimento que poucos possuem sobre a nossa trajetória cultural, a nossa verve criativa. Com isso, o músico-poeta nos legou um Rio antes do Rio, ousaria dizer assim. Ou um Rio dos índios, antes de Estácio de Sá. Pois ali já existia uma cidade. Daí, talvez, o Padre Manoel da Nóbrega ter recomendado ao Infante Dom Henrique “ser muito necessário povoar-se o Rio de Janeiro e fazer-se nele *outra cidade*” (o grifo é nosso). O historiador Alessandro Ventura, que contribui para o livro com um texto enriquecedor, não deixaria de observar isso. Muito acertadamente, ele informa que as mudanças que foram ocorrendo no espaço urbano do Rio de Janeiro revelavam as novas funções que a cidade foi adquirindo ao longo dos anos (políticas, mercantis) Em tempo, mais uma vez: o livro está muito bem editado, sendo um verdadeiro prazer manusear suas páginas.

O compositor-poeta está de parabéns. Digo sem medo de errar que raramente ouvi algo tão singelo quanto a composição *Gênese do Brasil*. Teve sobre mim o mesmo efeito que teve Bachianas No.5 ou o Concerto de Aranjuez quando ouvi essas obras primas pela primeira vez. Não, não é lá muito fácil lançar um olhar artístico inovador sobre o Rio de Janeiro, cidade louvada por poetas como Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, Geir Campos e Vinícius de Moraes. Berço de compositores da qualidade de Heitor Villa-Lobos, Noel Rosa e Antônio Carlos Jobim. Mas meu amigo conseguiu ser original. Por isso, repito, está de parabéns. Fez um trabalho que honra a cultura brasileira no que ela tem de melhor, subvertendo a nossa sensibilidade musical da mesma maneira que seu pai, o saudoso camarada Prestes, lutou a vida toda para subverter as bases da injusta política nacional, nela imprimindo a marca imorredoura do Cavaleiro da Esperança.

Cada um, a seu modo, imaginou um mundo para que nele pudéssemos todos viver dignamente, em liberdade e criatividade.

A matéria acima de Ivan Alves Filho foi publicada no “*Jornal das Lages*”, ANO XVIII n° 220, agosto de 2021.

# PROPOSTA COREOGRÁFICA

PIAÇABA E ACRESCIDOS

**Regiane Philadelpho** é bailarina, coreógrafa, professora de dança e de Educação Física formada pela Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro

## MOVIMENTO I |

“GÊNESE BRASIL N.º I - EVOCAÇÃO”

**Cenário:** Praça Quinze de Novembro no Centro do Rio de Janeiro. Cais do Porto; Paço Imperial; Arco do Teles; e antiga Catedral.

**Cena:** O líder da Confederação dos Tamoios, Aimberê; índios tamoios; reis e rainhas africanas; escravos negros e índios; rei de Portugal; Imperadores do Brasil. Na boca de cena o avô e o neto.

### Coreografia:

#### De 0' a 4' segundos

Escuridão.

#### De 5' a 15' segundos

Jato de luz. O avô conta a história do local para o neto, eles vêm andando e gesticulando através da cena, o jato de luz os persegue. Em determinado momento sentam na boca de cena.

#### De 15' a 24' segundos

A luz do palco acende, o neto fica admirado com o que vê. O avô orienta e pede para o neto se aproximar dos grupos.

No palco vemos três grupos congelados.

(1) Os índios estão no profundo do palco esquerdo.

(2) As escravas e os escravos negros no centro.

(3) O Rei e a Rainha de Portugal ocupam o profundo do lado direito da cena. Entre eles estão os Imperadores do Brasil.

### **De 25' segundos a 1' minuto**

O neto passeia pelo palco dando passos precisos de dança como passos largos, grand battements e giros, corre e caminha costurando os personagens deslizando pelo meio deles.

### **Em 1' minuto**

Ao se aproximar e ao tocar os personagens dos grupos, os mesmos tomam vida. O menino observa cada grupo por sua vez.

### **De 1'37 minutos a 2'49 minutos**

Estes grupos, aos poucos, se apresentam ao neto como numa reverência, logo correm e formam uma roda que começa a tomar movimento girando de acordo com cada passada de pé dos personagens, o neto fica no meio da roda mas logo percebe que os grupos estão se encarando enquanto a roda gira. Neste momento, o menino sai do centro da roda e vai de encontro a seu avô.

### **De 2'49 minutos a 4' minutos**

Os personagens formam duas fileiras, uma de frente para outra, onde acontece um duelo de dança, onde ficam evidentes as diferenças étnicas e culturais. Os índios e escravos contemplam a dança afro, enquanto os outros contemplam o minueto. Todos juntos formam uma fileira única, que em momentos se desfaz ao se transpassarem mudando de lado do palco. Ao sair da posição de fileiras, os dois grupos criam dois círculos sendo individuais de cada grupo que aos poucos se transforma num desenho coreográfico de "V". Saindo do desenho de "V" aos poucos os escravos se juntam com os índios em uma fileira com todos de frente para o público começam a cair, como em efeito dominó, feito sequencialmente – canon, enquanto isso o Rei e a Rainha de Portugal ocupam o fundo da cena e entre eles estão os Imperadores do Brasil, que continuam a dançar e acenar.

### **De 4' minutos a 4'5 minutos**

A luz se apaga.

### **De 4'5 minutos a 4 a 4'34 minutos**

Acontecem momentos individuais de aparições de cada grupo separadamente através do acender de cada holofote em momentos distintos. Os personagens fazem alguns gestos representativos de suas realidades no acender desses holofotes.

### **De 4'34 a 5'29 minutos**

O avô chama o neto, executam um frappé e saem de cena saltando em jeté. As luzes se apagam.

## **MOVIMENTO 2**

### **“ABISSAL E PRAÇA DA BALEIA”**

**Cenário:** Imagem de uma Baleia e do chafariz do Mestre Valentim.

**Cena:** O avô mostra para neto a Praça Quinze.

**Coreografia:**

#### **De 0' a 20 segundos**

Entra em cena o avô e o neto, entre giros e piruetas. Eles avançam em direção ao meio do palco.

#### **De 20' a 52' segundos**

Após passarem o meio do palco eles são surpreendidos por grupo dançante de doze pescadores. O neto e o avô recuam surpreendidos positivamente. os dois ficam estacionados.

### **De 52' segundos a 1'25 minuto**

Avô e neto contemplam a imagem de uma enorme baleia que fora formada no canto lateral do palco por estruturas/suportes que estavam nas mãos dos pescadores. Eles se movimentam ganhando o centro do palco.

### **De 1'25 a 1'36**

Pela Praça Quinze passam pedestres, trabalhadores, transeuntes, vendedores ambulantes, guardas e burro sem rabo.

### **De 1'36 minutos a 2'1 minutos**

O avô e o neto passeiam e cumprimentam a quase todos.

### **De 2'1 a 2'5 minutos**

Todos param de andar. Congelam.

### **De 2'5 a 2'35 minutos**

Aos poucos um por um, aleatoriamente, volta aos movimentos dançando.

### **De 2'35 a 3'11 minutos**

Todos saem de cena correndo, uns pelo lado direito e outros pelo lado esquerdo. Os pescadores se levantam. Fazem um giro com as estruturas/suportes e formam o chafariz do Mestre Valentim da Praça Quinze.

### **De 3'11 a 3'32 minutos**

Os bailarinos adentram ao palco vindo pela diagonal com o avô e o neto suspensos, como se tivessem sendo banhados pelas águas do chafariz.

### **De 3'32 a 3'36 minutos**

O avô e o neto ficam parados em frente do chafariz.

### **De 3'36 a 5'12**

Os bailarinos se agacham e fazem movimentos semelhantes como se tivessem bebendo a água. Em seguida reproduzem os movimentos da água. Movimentos bem leves e fluidos. Aos poucos o avô e o neto copiam a dança da água. Todos contemplam o chafariz.

## **MOVIMENTO 3**

### **“PRIMEIRO BAILE”**

**Cenário:** Salão interno do Paço do Governador (atual Paço Imperial). O mesmo está ornamentado para um grande baile.

**Cena:** trinta bailarinos, quinze vestidos de corsários franceses e quinze vestidos de mulheres.

#### **Coreografia:**

##### **De 0' a 47' segundos**

Acende a luz. O Governador recebe o capitão francês. Em seguida do lado direito entram os marinheiros franceses e do lado esquerdo homes fortes vestidos com roupas femininas. Os franceses no início se espantam. Depois se aproximam.

##### **De 47' segundos a 1'5 minutos**

Os bailarinos formam uma meia lua. Nesta o primeiro casal que fora formado se concentra no meio da mesma. O bailarino vestido com roupas femininas tem barba. Iniciam um tímido ensaio. Como se tivessem ensinando para todos presentes.

##### **De 1'5 a 1'40 minuto**

Todos dançam soltos. Cada um dança a sua dança. Estão aprendendo.

##### **De 1'40 a 1'50 minutos**

Os casais caminham para o centro do palco para formar um círculo.

##### **De 1'50 a 2'18 minutos**

Todos param e acontecem as trocas de casais.

##### **De 2'18 a 3'18 minutos**

O grupo de bailarinos ganha nova formação. Dançam todos juntos uniformemente.

### **De 3'18 a 3'32 minutos**

O grupo de bailarinos caminham para pose final. Quando concretizam a apresentação

## **MOVIMENTO 4**

### **“CAIS PHAROUX”**

**Cenário:** Cais Pharoux e o Hotel Pharoux, com a paisagem da Baía da Guanabara ao fundo.

**Cena:** Bailarinas interpretam gaivotas brancas que sobrevoam o Cais Pharoux. O Príncipe Dom Pedro tem amizade com o proprietário do Hotel Pharoux, Louis Dominique. Este mantém uma garçoniere para aventuras amorosas do jovem herdeiro de Dom João VI.

### **Coreografia:**

#### **De 0' a 15' segundos**

Em cena, sentados à mesa, estão o Príncipe Dom Pedro e o General Louis Dominique. Eles tomam vinho.

#### **Aos 3' segundos**

Acende toda a luz do palco.

#### **De 15' a 32' segundos**

Bailarinas de asas brancas entram em fileiras viradas para frente do palco. Um grupo entra pelo lado direito, por de trás da mesa. O outro grupo outra entra pelo lado esquerdo, pela frente da mesa. Envolvendo os dois homens e logo se espalham no palco.

#### **De 32' a 48' segundos**

Se espalham pelo palco com seus movimentos de asas.

### **De 48' a 1'19 minuto**

As bailarinas desenvolvem a coreografia, sempre envolvendo o Príncipe Dom Pedro e o General Louis Dominique.

### **De 1'19 a 2'55 minutos**

O Príncipe Dom Pedro dança com a primeira bailarina, sendo envolvido pelas asas. Esta se retira e ele dança com uma segunda bailarina. Ao dançar com a terceira bailarina, ele convida ela para que entre no Hotel Pharoux. Ela recusa.

### **De 2'55 a 2'56 minutos**

Todas as bailarinas fazem gestos de recusa.

### **De 2'56 a 3'11 minutos**

As bailarinas vão se retirando de cena. O Príncipe Dom Pedro tenta atrair elas, não consegue. Desapontado, faz uma expressão de surpresa, senta a mesa com o General Louis Dominique. A luz se apaga.

## **MOVIMENTO 5**

### **“RUA FRESCA”**

**Cenário:** Imagens atuais de ruas próximas da Praça Quinze de Novembro. Caos urbano.

**Cena:** O avô e o neto atravessam o caos urbanos, correm risco de serem atropelados pelos carros e ônibus; sofrem com a força do sol; e observam os edifícios altos.

**Coreografia:**

### **De 0' a 20' segundos**

O avô e o neto entram em cena. O avô mostra a praça.

**De 20' a 28' segundos**

Quando o avô e o neto estão na metade do palco, entram bailarinos em dança de street dance dando cambalhotas.

**De 28' a 1'07 minuto**

Os bailarinos se posicionam e começam a dançar. O avô e o neto saem de cena.

**De 1'07 a 1'19 minuto**

Os bailarinos iniciam dança em câmera lenta.

**De 1'20 a 1'36 minuto**

Voltam os movimentos de intensidade e logo os bailarinos correm de posição de meia lua. Onde um grupo será a base e o outro grupo será elevado ao subir nesta base.

**De 1'36 a 2'03 minutos**

O grupo no alto faz movimento de braço.

**De 2'03 a 2'07 minutos**

Aqueles bailarinos que estavam no alto pulam a frente. Ao chegarem ao chão se agacham. Aqueles que estavam na base também se agacham. Todos ficam de cabeça baixa.

**De 2'03 a 2'07 minutos**

Todos os bailarinos levantam a cabeça num movimento preciso. A luz se apaga.

## **MOVIMENTO 6**

### **“ÍBIS DE PEDRA”**

**Cenário:** Baía da Guanabara, ao longe a imagem do Pão de Açúcar. Em destaque a imagem da Íbis de Pedra cravada no peito da pedra do Pão de Açúcar.

**Cena:** A Íbis de Pedra entra em cena. Solo de Dança. O líder da Confederação dos Tamoios, Aimberê, observa o voo do pássaro de pedra.

#### **Coreografia:**

##### **De 0’ a 10’ segundos**

Em cena a pedra do Pão de Açúcar iluminado por um holofote. Bailarinos estão escondidos nela formando a imagem de uma Íbis.

##### **De 11’ a 38’ segundos**

A cena é iluminada. As índias e os índios guerreiros tamoios surgem atrás da plateia, segurando suas armas. Caminham realizando movimentos de rituais indígenas e emitindo sons característicos de chamado de guerra.

##### **De 39’ segundos a 1’ minuto**

Eles andam entre os corredores e interagem com o público, apontando para o desenho da Íbis. Aos poucos avançam em direção ao palco.

##### **De 11’ a 110 minutos**

As índias e índios tamoios apressam o passo e sobem ao palco gradativamente. Eles se posicionam em dois grupos em diagonal da frente do palco, aglomerados.

##### **De 112 minutos a 136 minutos**

Agachados, as índias e os índios tamoios executam uma ondulação com tronco de vai e vem. No mesmo momento os bailarinos que representam a Íbis do Pão de Açúcar começam a tomar vida. Saem fora do local onde estavam acomodados. Os bailarinos que representam a Íbis do Pão de Açúcar se concentram no centro do palco.

**De 1'37 minuto a 1'46 minuto**

O bailarinos que representam a Íbis avançam em direção as índias e aos índios que se assustam. Os índios sentam no chão para trás, dão impulso empurrando o chão e deslizando para trás. Em seguida, aos poucos, saem do palco.

**De 1'47 minuto a 3'29 minutos**

Começa uma coreografia sincronizada de contemporâneo.

**De 3'30 minutos a 3'32 minutos**

Todos os bailarinos se viram.

**De 3'33 minutos a 3'32 minutos**

Os bailarinos executam uma reverência ao Pão de Açúcar. Exaltam a Íbis. Em seguida voltam para formar a Íbis na Pedra do Pão de Açúcar, reproduzem a imagem do início. Todas as luzes se apagam e fica somente o holofote sobre a Íbis.

**MOVIMENTO 7****“DONA BÁRBARA”**

**Cenário:** Arco do Teles

**Cena:** A bruxa Dona Bárbara dos Prazeres surge no Arco do Teles e sobrevoa a Praça Quinze.

**Coreografia:**

**De 0' segundos a 0'20 segundos**

Luzes apagadas. Surge a imagem da bruxa entrando no telão. Ela olha para sua vassoura e observa o Arco do Telles.

**De 0'21 segundos a 0'34 segundos**

Ouvimos uma gargalhada. O telão se apaga.

### **De 0'35 segundos a 0'53 segundos**

Numa estrutura de rapel, estendida sobre a plateia e o palco, a bruxa entra em cena.

### **De 0'54 segundos a 1'9 minuto**

Entram dois bailarinos executando movimentos leves de braço. Logo se aproximam da bruxa, retiram a aparelhagem/suportes do rapel. A bruxa executa movimentos precisos de braço.

### **De 1'10 minuto a 2'10 minutos**

A bruxa começa a executar o estilo de dança circense, contemplando a flexibilidade. O tecido acrobático começa a descer.

### **De 2'11 minutos a 2'59 minutos**

No tecido acrobático a bruxa realiza dança aérea. Após a dança o tecido é retirado de cena.

### **De 3' minutos a 3'10 minutos**

A bruxa é envolvida pelos bailarinos e conduzida até um suporte que está no meio do palco. Os bailarinos vestem uma grande saia negra e a colocam sobre o suporte. Os bailarinos fazem a saia ganhar vida através de ondulações.

## **MOVIMENTO 8**

### **“CHAPELEIRA”**

**Cenário:** Fachada do sobrado onde residiu a artista Carmem Miranda

**Cena:** A artista Carmem Miranda canta um fado.

## **Coreografia:**

### **De 0' segundos a 0'20 segundos**

No lado direito do palco Carmem Miranda experimenta diferentes tipos de chapéus femininos e masculinos.

### **De 0'20 segundos a 0'47 segundos**

Ao poucos se aproximam compradores. São três casais que realizam coreografias de mãos dadas. Ela vende alguns chapéus.

### **De 0'47 segundos a 1' minuto**

Após a compra de chapéus, o primeiro casal segue adiante como que passeando. Após o segundo casal, repete o movimento do primeiro casal. O terceiro casal repete os mesmos movimentos.

### **De 1'01 segundos a 1'29 segundos**

Carmem Miranda realiza dança com passos do folclore português. Ela segura uma guitarra portuguesa e faz expressão de que está cantando. Os casais deitam no palco de forma despojada, em formato coreográfico de meia lua. Eles estão voltados para a Carmem Miranda, com os pés para cima.

### **De 1'30 minuto a 1'39 minutos**

Os casais sentam e aplaudem, em seguida se levantam. Carmem Miranda agradece. O casal da direita se retira de cena pela direita. O casal da esquerda, se retira pela esquerda. O casal que estava no centro, comicadamente não sabe para onde ir. Então a bailarina sai pela esquerda e o bailarino pela direita.

### **De 1'40 segundos a 2'18 segundos**

Carmem Miranda sozinha em cena dança desenvolve sua dança.

### **De 2'18 segundos a 2'38 segundos**

Carmem Miranda entra no sobrado e se posiciona a janela. As luzes se apagam.

## **MOVIMENTO 9**

“GÊNESE BRASIL Nº2 - GRANDE FINAL”

**Cenário:** Praça Quinze de Novembro no Centro do Rio de Janeiro. Cais do Porto; Paço Imperial; Arco do Teles; e antiga Catedral.

**Cena:** Aimberê, índios tamoios, reis e rainhas africanas, escravos, rei de Portugal, Imperadores do Brasil. Na boca de cena o avô e o neto.

### **Coreografia:**

#### **De 0' segundos a 0'9 segundos**

A luz do palco acende aos poucos, no palco três grupos congelados.

- (1) Os índios estão no profundo do palco esquerdo.
- (2) O Rei e a Rainha de Portugal ocupam o centro da cena. Entre eles estão os Imperadores do Brasil.
- (3) As Rainhas e os Reis negros estão do lado direito.

#### **De 0'10 segundos a 0'19 segundos**

Os índios, as escravas e escravos, os reis e os imperadores, lentamente tomam vida.

#### **De 0'20 segundos a 0'45 segundos**

Todos começam a andar. O grupo que está no meio ( reis e imperadores) avança para a frente do palco, dando passos largos. Ao mesmo tempo, também dando passos largos, o grupo que está do lado direito (escravas e escravos) avançam para a frente e se posicionam atrás do primeiro grupo. Ao mesmo tempo, também dando passos largos, o grupo que está do lado esquerdo (índias e índios) avançam para a frente e se posicionam atrás do segundo grupo. Todos os grupos fazem a formação de fileiras em que todos participantes estão voltados para a plateia.

#### **De 0'46 segundos a 1'18 minuto**

Após todos os grupos chegarem na posição, descrita acima, a primeira fileira se agacha, a segunda ajoelha e terceira permanece em pé. Elevam

os seus braços atrás dos ombros do companheiro do lado.

**De 1'19 minuto a 1'49 minutos**

Andam entre si em forma de marcha acelerada e chegam ao próximo desenho coreográfico.

**De 1'50 minuto a 3'57 minutos**

O avô e o neto se encontram no centro do palco e são seguidos por um círculo formado pelos imperadores e rei. Seguidos pela roda dos escravos e depois pela roda dos índios.

**De 3'58 minutos a 5'49 minutos**

Todas bailarinas e bailarinos em cena, permanecendo na mesma posição, praticam passos característicos do samba. Após alguns segundos se posicionam para a plateia.

**De 5'50 minutos a 5'57 minutos**

Todos em cena começam a se deslocarem para a pose final.

**De 5'58 minutos a 6'0 minutos**

Todos em cena concretizam a pose final. (em aberto)

Acesse **Piaçaba e Acrescidos**  
em uma destas plataformas



@Todamerica Edições Ltda.



Poty Lazzarotto, Maria Prestes, Luiz Carlos, autor, com o Filho Pedro.  
Curitiba, 1992.



*Molhem minha  
goela com  
Cachaça da Terra*

*02*

**Luiz Carlos Prestes Filho**

Idealização, Poesia, Ilustração e Letras das Canções

**Ivan Alves Filho e Luiz Carlos Prestes Filho**

Texto e Pesquisa Histórica

**Lucas Bueno e Luiz Carlos Prestes Filho**

Música

**Julia Félix**

Soprano

**Lucas Bueno e Luiz Eduardo de Oliveira**

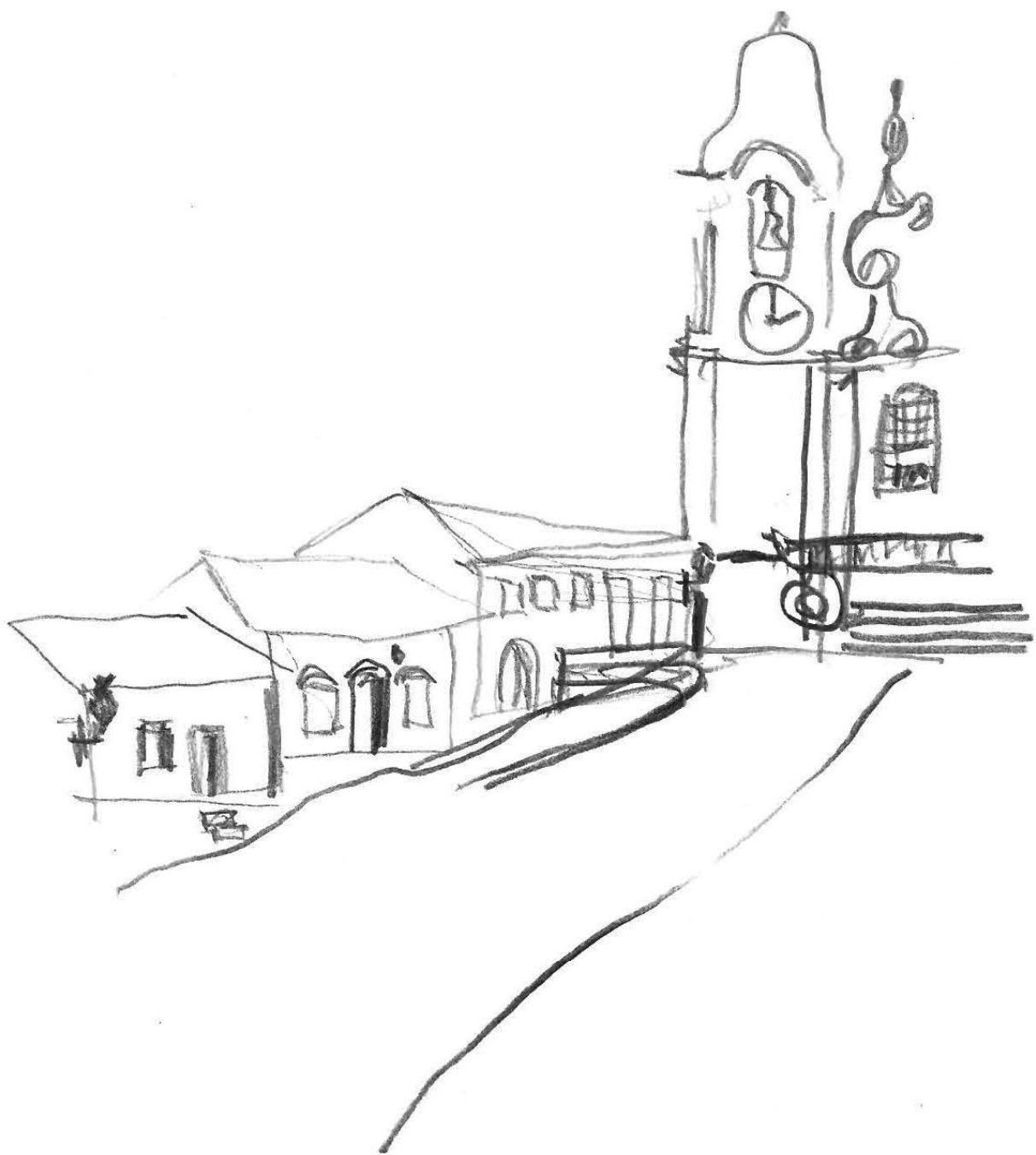
Arranjo

**Luiz Eduardo de Oliveira**

Direção Musical

Dedico esta obra ao único inconfidente  
negro, Vitoriano Gonçalves Veloso,  
e a minha eterna musa inspiradora,  
Regiane Philadelpho

Esta obra dramático-musical aconteceu após a leitura  
do livro **“O Caminho do Alferes Tiradentes,  
uma viagem pelas trilhas dos inconfidentes”**  
de autoria do historiador Ivan Alves Filho



# *De cachaça e música - de gentes e versos*

## APRESENTAÇÃO

A cachaça não é apenas uma bebida para ser apreciada, é um patrimônio histórico imaterial, produto de nossa cultura miscigenada, parte substancial de nossa História. Com ela, se comemora e se conspira! Com ela, se canta a liberdade, e se registra em cada nota, a Inconfidência de Minas Gerais.

A música não é para os ouvidos tão somente, pois tem cheiro, tem sabor, e tem as marcas da História que nos acompanham a cada gole ou trago.

A música é da cachaça e da História, é do homem escravo, que nas engrenagens dos engenhos de Minas – e não só de Minas! – deixou sua força e as marcas de sua luta no tempo.

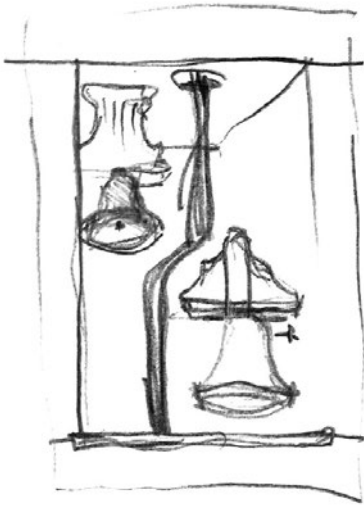
A música resgata a história do homem negro destilado na cana da Conjuração Mineira; e nos escondidos e secretos planos contra a Coroa Portuguesa, sua presença se faz sentir no aroma que recende do “sangue fermentado”, e somos tragados para juntos compreendermos o que a História não consegue contar e a música nos revela, com esse novo olhar que nos permite cada nota e cada acorde, cada som na voz-pássara que nos encanta e nos alevanta.

Em cada palavra a História se renova; em cada compasso um novo sentimento se confronta aos fatos; nessa obra acontece o encontro das palavras e dos compassos com Minas Gerais da cana e do alambique, resulta

esse íntimo degustar novos saberes ainda, para muitos, desconhecidos, e que reafirmam a cultura e os jeitos dessa gente-brasil e desse povo-minas.

Aos Poetas e Alferes, e a nossa negra gente que construiu e se rebelou, vêm se juntar Luiz Carlos Prestes Filho, Lucas Bueno, Ivan Alves Filho, Luiz Eduardo de Oliveira e Júlia Félix para artear o que a vida não consegue; mostrar o que não podia senão pelo aroma dos acordes e versos, pois isso é a arte – sublime encontro do prazer e do saber, da inteligência e da emoção. Por favor, molhem minha goela com a cachaça dessa música!

**Luiz Paixão** é diretor de teatro, dramaturgo e poeta



## *Alambique Boa Vista*

Meu corpo moído  
Pelas engrenagens do tempo  
É cana estraçalhada no engenho  
Olhe para a garapa – pense  
Sangue correndo

Sangue fermentado  
Destilado, degustado  
Que tem a cor, a textura, o humor  
Da verdade que desapareceu  
Restou a lenda do sabor

Nenhuma imagem minha  
Entre as páginas da Devassa  
O historiador com suas luvas brancas  
Nunca conseguirá encontrar  
Minha cor, minha textura, meu teor

O Alambique Boa Vista pertenceu a família Tiradentes, foi confiscado pela Coroa Portuguesa e, após a independência do Brasil, em 1822, foi devolvido aos descendentes.

## *Evocação*

Essa cachaça é um pedaço do que passou...  
Como conseguiu até aqui chegar?

Sendo um pedaço do que restou,  
Por que teima toda a História falar?

É Amburana, Tapinhoã  
É a roda d'água a cantar





## *Escritura*

### Movimento nº1 – Composição Musical

Nas faces das pessoas não vulgares  
vemos o reflexo da vida  
Nelas uma ideia, um conjunto que na maioria,  
despercebida

Respostas para mistérios que buscamos desvendar  
O lado oculto da lua que da Terra impossível espiar

Um jato de luz nas profundezas do oceano  
Um rasgo do sistema solar

Nas pessoas do incomum...  
A bondade que buscamos, a singularidade no olhar

Em 1763 o Alambique Boa Vista aparece na História da família Tiradentes, quando uma tia do alferes o adquiriu. Em seguida doou o mesmo ao sobrinho Domingos Xavier da Silva, irmão de Tiradentes. Consta do termo de doação que, se Domingos não tivesse herdeiros, a propriedade retornaria aos seus doadores. Como ele se ordenou padre, o Alambique Boa Vista ficou de posse de outros descendentes. “Eu não sei qual dos antepassados herdou então o engenho”, afirma Rubens Chaves, seu atual proprietário, bisneto do coronel Xavier Chaves. De qualquer forma, sabe-se que que o coronel Xavier Chaves, sobrinho bisneto, por seu turno, da irmã caçula de Tiradentes, Antônia Rita de Jesus Xavier, assumiu o Engenho Boa Vista durante muitos anos, ainda na primeira metade do século XIX. Rubens Chaves informa que parte dessas terras dos parentes dos inconfidentes permaneceu confiscada durante muitos anos. O processo de devolução teve início com Dom Pedro I: “O Imperador veio para a região com o participante da Inconfidência Mineira, José Resende Costa Filho, que cumpriu a pena de dez anos em Guiné-Bissau, e devolveu tudo.” A devolução aconteceu depois de 1822, após a Independência do Brasil.

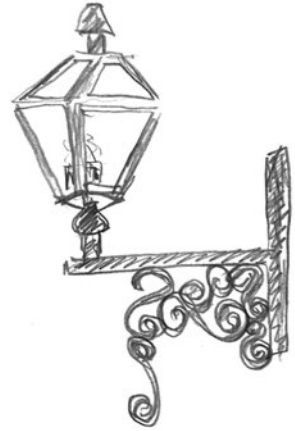
>> Acesse o movimento musical e a partitura de “Escritura”

| MOVIMENTO MUSICAL |



| PARTITURA |





## *A Velha Fachada do Alambique*

Movimento n°2 – Composição Musical

Do Alambique Boa Vista eu era a velha fachada  
O reboco do meu corpo despencava  
Exposta ao vento, ao sol e à chuva  
Todo dia as infiltrações afloravam

Lembro que da dor, junto ao telhado, certa vez brotou uma  
flor

Matos junto à sacada me davam frescor  
Tinta desbotada, calha desalinhada  
Tanta gente passava e ninguém se importava

Aguentei tantos anos de janelas fechadas e aos poucos  
me entortava

Tudo descascava, escorria, se quebrava  
Mas tinha uma viga que me dizia: Aguenta!  
Sua palavra era a minha cachaça, me sustentava.

Quem seria o mestre na produção de aguardente ao lado do coronel Xavier Chaves? Seria um homem de coragem como o inconfidente Vitoriano Veloso? O único negro que participou da conspiração mineira. Atras do antigo muro de pedra ficam até hoje os tonéis da Aguardente do Engenho Boa Vista. Cachaça que Tiradentes e Vitoriano Veloso - com certeza - provaram. O Alambique Boa Vista fez parte da fazenda do coronel Antônio Francisco, sobrinho-neto de Tiradentes, que doou parte de suas terras com a condição de que ali se fundasse um povoado. Já no início do século XIX surgia o lugarejo denominado Mosquito. Somente em 1963 Coronel Xavier Chaves torna-se município. A cidadezinha possui, além do Alambique Boa Vista, a bonita Capela de Nossa Senhora do Rosário (erguida provavelmente em 1717; toda de pedra) e o sobrado que pertenceu ao próprio coronel Antônio Francisco. Perto do pequeno centro há um antigo jequitibá cuja a copa mede 45 metros de diâmetro. Coronel Xavier Chaves é o único município brasileiro a ostentar o sobrenome de Tiradentes. A História registra que o primeiro ascendente do alferes Tiradentes no Campo das Vertentes foi seu avô materno. Sabemos que sua mãe já nascera em São José del-Rei (antiga denominação da atual cidade de Tiradentes), de uma família originária de São Paulo ou mais precisamente São Vicente. E sabemos também que seu avô por parte de pai, português, se estabeleceu no Brasil em 1726, exercendo a função de almotacel em Minas. E que seu pai fora vereador em São José del-Rei no biênio 1755-1756. A família Silva Xavier possuía, portanto, um certo enraizamento na região. Foi com grande esforço daqueles que viram suas propriedades sendo arrasadas pela Coroa Portuguesa, que o Alambique Boa Vista sobreviveu e chegou até os dias de hoje.

>> Acesse o movimento musical e a partitura de “A Velha Fachada”

| MOVIMENTO MUSICAL |



| PARTITURA |





2005

## *Aguardente*

Movimento nº3 – Composição Musical

O que seria aguardente, não fosse o olfato?  
Que nos chama, que pede uma aproximação de fato...  
O que seria aguardente, não fosse a visão?  
Que em cores nos envolve, sedução...

O que seria aguardente, não fosse o tato?  
Que nos oferece veludo e arrepio de gato...  
O que seria aguardente, não fosse o paladar?  
Que afirma que a memória tudo consegue guardar...

O que seria aguardente, não fosse a audição?  
Que faz cristais transbordar pequenas canções...  
O que seria aguardente, sem sua origem, seu lugar  
Que a cada gole saudades, palpitar...

O Alambique Boa Vista é de fato o mais antigo em funcionamento no Brasil. Tiradentes acompanhou seu desenvolvimento, promovido por seu irmão, Domingos. Há quem garanta que o último pedido de Tiradentes, no patíbulo, no Rio de Janeiro, não foi outro senão beber um cálice de cachaça: “Molhem minha goela com cachaça da terra.

>> Acesse o movimento musical e a partitura de “Aguardente”

| MOVIMENTO MUSICAL |



| PARTITURA |





## *Tradição*

### Movimento nº4 – Composição Musical

O caxambu no couro – batida forte tem que aguentar  
Com amburana e tapinhoã - fazer o atabaque reinar  
Raios no couro do caxambu - aguardente do canaviá  
Engenho Boa Vista, Vitoriano Veloso - é doce, pode amargar  
Inteligência, sabedoria – das mãos ele vem derramar  
Como a água que corre do rio, ninguém consegue parar  
Xarope da cana - pela moenda tem que passar  
Caldo que depois evapora - o fogo sabe falar  
Aguardente no barril descansa - o caxambu vai chamar  
Quando acorda a dança régia - ninguém consegue parar

A Coroa Portuguesa fez várias tentativas de proibir a comercialização da cachaça, uma bebida que abalava as vendas da bagaceira e do vinho portugueses. E a clandestinidade passou a fazer parte também do dia a dia dos produtores de cachaça do Brasil durante a fase colonial. Como funciona um autêntico engenho de moer cana-de-açúcar do século XVIII, que praticamente não sofreu nenhuma alteração desde então? “Nós colocamos água naquela roda e é ela que vai tocar a moenda, que esmaga a cana”, explica Rubens Chaves. E prossegue: “E seguida, o caldo cai naqueles ambientes onde há os restos fermentados do dia anterior e a garapa começa a receber imediatamente o processo de transformação do açúcar em álcool. Quanto à destilação, ela comporta três partes: a cabeça, o coração e a cauda. A cabeça é muito forte e a cauda contém impurezas, toxinas. O coração é a parte nobre. Não podemos misturar as três partes e a maneira certa de reconhecer cada uma delas se dá por intermédio da graduação do líquido. Nas condições primitivas que fazemos a nossa cachaça, sem praticamente recurso a instrumentos modernos de medição, nós temos que nos esforçar para que o líquido saia sempre frio, uma indicação de que o fogo está bem controlado. Pelo cheiro, pelo aspecto, se percebe quando está perto do coração.

>> Acesse o movimento musical e a partitura de “Tradição”

| MOVIMENTO MUSICAL |



| PARTITURA |



# *Geracões*

Movimento nº5 – Composição Musical

A raiz na escuridão, segura a cana que enverga  
A raiz é cega, mas todos horizontes enxerga

Nas folhas embaraçadas, no doce sabor do seu fruto  
A raiz perpetra sua matriz, em tudo penetra

Ao sorver a História dos antepassados  
A raiz a vida orchestra, enverga, não quebra



Depois de destilada, a cachaça é guardada em um compartimento de alvenaria. Nós passamos parafina nele e conservamos a bebida ali. Passamos parafina com pincel até fazer uma película mínima de 4 a 5 milímetros. Com isso, a cachaça vai descansar em um ambiente neutro, não pega gosto de nada. Nos barris de carvalho, a cachaça muda de gosto, muda o cheiro e muda também de cor. Ela fica substancialmente alterada. A minha cachaça não tem vergonha de ser cachaça, ela vem branquinha como saiu da destilação”, conta Rubens Chaves que afirma que seu alambique é um “museu vivo”.

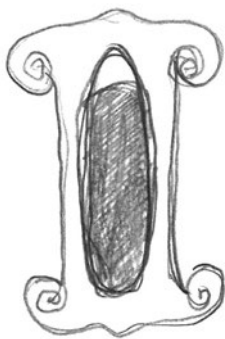
>> Acesse o movimento musical e a partitura de “Gerações”

| MOVIMENTO MUSICAL |



| PARTITURA |





*Fuvels de perno*

## *Epilogo*

Movimento nº6 – Composição Musical

Quem se aproxima do Campo das Vertentes  
Sente a Cachaça Boa Vista no ar  
Se pergunta como ela consegue  
Tantos quilômetros alcançar?

O que ela quer acordar?  
Por que esse seu desbravar?  
Que sentidos inconfessos  
Ela quer desabrochar?

Quem se aproxima do Campo das Vertentes  
Escuta a roda girar  
Se pergunta como ela consegue  
300 anos corrompiar

Sua força vem da coragem  
Dos Inconfidentes?  
Ou da futura cachaça  
Que será mais pura que uma promessa?

No Engenho Boa Vista há uma magnífica roda d'água. Fica na parte de trás da sua belíssima construção. Ela que faz girar a moenda, triturando a cana como em meados do século XVIII.

>> Acesse o movimento musical e a partitura de “Epílogo”

| MOVIMENTO MUSICAL |



| PARTITURA |



# Posfácio

Sete são os sinais gráficos sonoros que organizam a linguagem musical. Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Sí. São sete, também, as etapas de produção da cachaça: Plantação; Colheita; Moagem; Fermentação; Destilação; Armazenamento e Envelhecimento; Engarrafamento e Rotulagem. Há tempos cunhei a expressão de que música é o idioma da alma. Já a dança é o idioma do corpo. Assim sendo, palavras expressam a mente. Em poemas ou formando o canto, elas exprimem o falar do coração. Unir estas perspectivas é um desafio significativo. Luiz Carlos Prestes Filho e Lucas Bueno, a voz da soprano Julia Félix, venceram o desafio ao realizar o Poema para Orquestra “Molhem minha goela com cachaça da terra”, composta em seis movimentos musicais.

**Seria um a menos do que a quantidade de notas musicais?  
São sete as etapas na produção da cachaça. Faltaria um movimento? Não! Os sete movimentos estão completos. Creio, curiosamente, que os perspicazes autores e a interprete deixaram para a plateia o sétimo movimento: o brinde!**

“Essa cachaça é um pedaço do que passou...  
Como conseguiu até aqui chegar?”

E sendo um pedaço do que restou,  
Por que teima toda a História falar.”

**Protásio Ferreira e Castro** - in memoriam - foi  
Engenheiro Civil e Estudioso de Teoria da Música

# *Memória Crítica*

## **Musical da mais Alta Qualidade**

Ouvi *MOLHEM A MINHA GOELA COM CACHAÇA DA TERRA* como se estivesse deliciando uma santa cachaça. É poesia, é dança, é História, é terra. Enfim, é um musical da mais alta qualidade que, nas mãos de um bom diretor teatral pode dar um excelente espetáculo. Um *MUSICAL CABOCLO*, para ser montado num palco de teatro ou ser transformado num filme. Tomo a liberdade de sugerir a divisão do texto entre dois solistas, um homem e uma mulher, ambos bailarinos, e que se juntam no último movimento. O texto em prosa pode ser alocado, também, para um Madrigal Falado. Abusando um pouco mais em palpites (e me desculpando), os excelentes músicos que trabalharam nas composições, poderiam, ainda, escrever uma mínima *ABERTURA*. Enfim, existem muitas possibilidades. Parabéns a todos participantes deste projeto.

**Ricardo Tacuchian** é compositor, maestro e professor;  
Doutor em Música pela University of Southern California;  
foi presidente da Academia Brasileira de Letras

## **Misto de Brasilidade com Resquícios Russos**

As melodias da obra *MOLHEM MINHA GOELA COM CACHAÇA DA TERRA* foram bem escritas, os arranjos bonitos e bem cantados. As canções tem um misto de brasilidade com resquícios melódicos russos em diferentes proporções. São muito visuais – poderiam compor um musical, um vídeo, um filme. Acho que se tivesse dança/projeção de fotos durante o concerto, seria perfeito. As canções, texto e poesias são multimidiáticas no

sentido de englobarem multiformas de arte. A obra é multidisciplinar e profunda. Conheço o Engenho Boa Vista. Conversei com os proprietários sobre a região, sua História em longas tardes regadas a café, pão de queijo, broinhas de fubá. Guardo uma garrafa da Boa Vista na minha casa.

**Silvia Berg** é compositora de música contemporânea.  
Graduou-se na Universidade de São Paulo (USP).  
Estudou regência na Dinamarca,  
na Universidade de Copenhague; é professora do  
Departamento de Música da USP

### **Entre o Erudito e o Popular**

MOLHEM MINHA GOELA COM CACHAÇA DA TERRA é um trabalho muito simpático de autoria de Luiz Carlos Prestes Filho e Lucas Bueno. O mesmo demonstra que os autores resolveram ingressar no gênero que eu chamo de sub erudito. Isso porque, ao conservar a bossa e a genialidade da música popular, acrescentam arroubos que encostam na música clássica. Não tenho dúvida que os arranjos de Luiz Eduardo de Oliveira, atenderam a proposta dos compositores. Completando este quadro bastante original, louve-se a voz da soprano Julia Félix, que é bastante ágil, e se destaca nesta transição de um estilo para o outro. Ela consegue manter a leveza do popular e imprimindo a técnica vocal perfeita do canto lírica. A frase, MOLHEM MINHA GOELA COM CACHAÇA DA TERRA pertence a Tiradentes. Ela serviu como ponto de partida, como inspiração para a realização deste trabalho musical que, por certo, será devidamente analisado pela crítica. Estamos frente a uma bela homenagem aos 200 anos da Independência do Brasil de Portugal!

**João Roberto Kelly** o Rei das Marchinhas de Carnaval,  
é compositor e professor de harmonia

## **Uma Idéia Revolucionária**

Luiz Carlos Prestes Filho nos traz uma ideia teatral revolucionária com sua obra MOLHEM MINHA GOELA COM CACHAÇA DA TERRA. Para começar pelo tema da inconfidência mineira, que, por mais citada após a instauração da República ainda não foi devidamente esgotada em sua riqueza de ideias e eventos. Depois pela abordagem de seus versos, enfatizando, inclusive, uma frase no título que seria do Tiradentes onde aparecem motivos culturais da terra brasileira, que se buscava libertar. Um empreendimento justo seria o de passar as ideias artístico-políticas-revolucionárias-históricas que aqui correm para um espetáculo teatral, que ergueria, sem dúvida, uma ópera digna para os novos tempos.

**Gerson Pereira Valle** é poeta e advogado

## **Bravíssimo**

Bravíssimo pelo musical MOLHEM MINHA GOELA COM CACHAÇA DA TERRA. Ele forma um todo harmonioso, e dá vontade de ouvi-lo, novamente. As letras são muito bonitas -- a cachaça ganha vida e a música acompanha-a muito bem, por vezes ressaltando o seu aspecto irônico, melancólico ou dramático.

**Roseane Yampolschi** é compositora e professora

# *Vitoriano Veloso*

## *O Inconfidente Negro*

Ana Paula Gatti é advogada

Esse artigo chama a atenção para a necessidade de um olhar atento sobre a contribuição negra durante o levante da inconfidência mineira. Embora pouco presente nos livros que relatam o movimento libertário e separatista da conjuração mineira, é importante ressaltar que entre os inconfidentes havia o negro Vitoriano Gonçalves Veloso. A busca por liberdade e igualdade de direitos representadas pelo Iluminismo influenciaram em grande parte:

- a Revolução Americana, declarada em 04 de julho de 1776, onde a elite colonial agiu para manutenção de seus interesses.
- a Revolução Francesa iniciada em 1789, que impulsionou a burguesia para frear o absolutismo e impor regras e limites a atuação do estado;
- a Inconfidência Mineira deflagrada em 1789, onde os mineiros conjurados se rebelaram contra os abusos fiscais da coroa portuguesa.

Podemos notar que os três fatos históricos, ocorridos em regiões geográficas diferentes, tem entre si um ponto em comum, todos exaltam a liberdade como alavanca propulsora, constituindo direitos fundamentais que os doutrinadores futuramente chamaram de direitos de primeira dimensão, que constituem um conjunto de caráter negativo impondo limites a atuação do Estado diante do cidadão. Enquanto a

**Revolução Americana e a Revolução Francesa defendiam a liberdade em harmonia com a igualdade social, é importante pontuar que a Inconfidência Mineira mantinha o foco na liberdade de exploração econômica e no combate aos abusos impostos pela corte em sua política tributária.**

Por ser um imposto extremamente oneroso havia grande taxa de inadimplência no pagamento do imposto e a Coroa Portuguesa passou a utilizar-se da ‘derrama’ para cobrança dos valores atrasados, muitas vezes confiscando bens dos devedores, e em sombra de dúvidas esse era o principal motivo da revolta dos conjurados mineiros. Uma vez contextualizada as dores e os ideais das revoluções no final do século XVIII, nos cabe retornar a Inconfidência Mineira e tentar compreender a participação de Vitoriano Gonçalves Veloso, único negro entre os inconfidentes.

**Neste período ocorreram fatos importantes, a Constituição Americana estava sendo redigida e já garantia liberdades fundamentais aos cidadãos dos EUA, a Revolução Francesa propagava seus ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, e a Inconfidência Mineira clamava por ‘liberdade ainda que tardia’, mas é preciso ter clareza, que negros ainda eram mercadorias, eram juridicamente considerados ‘coisas’, constavam nos inventários e nos livros contábeis como peças do patrimônio dos senhores escravagistas.**

O contexto histórico e os autos dos 11 volumes do processo de devassa demonstram que as pessoas envolvidas na Inconfidência Mineira não estavam comprometidas com ideais abolicionistas, logo, não podemos afirmar que os ideais de liberdade fossem a fonte da motivação de Vitoriano Veloso. Ao realizarmos um recorte na soma do patrimônio de 7 conjurados da Comarca de Rio das Mortes que tiveram seus bens sequestrados pela Coroa Portuguesa; podemos notar que havia 442 negros escravizados que foram apreendidos pelo Estado (RODRIGUES e FREIRE, 2018).

Os demais inconfidentes presos tiveram 54 escravos apreendidos: Cláudio Manuel da Costa (31), José da Silva e Oliveira Rolim (7), Tiradentes (5), Francisco de Paula Freire de Andrada (5), Domingos de Abreu Vieira (4), Luís Vieira da Silva (1) e Vicente Vieira da Mota (1). Os cativos desses proprietários corresponderam a 12,22% do total dos escravos dos sediciosos mineiros, enquanto os cativos aqui analisados representaram 87,78% de todos os mancipios sequestrados pela devassa. Os demais presos – Tomás Antônio Gonzaga, José Álvares Maciel, José de Resende Costa Filho, José de Oliveira Lopes, Salvador Carvalho do Amaral Gurgel, Domingos Vidal de Barbosa Lage, João da Costa Rodrigues, João Dias da Mota e Vitoriano Gonçalves Veloso – não tiveram nenhum escravo apreendido em seus patrimônios (Cf. ANRJ/ADIM-C5, v. 7 – sequestros diversos).[1]

Os registros históricos encontrados até aqui não apontam que houvessem interesses econômicos e financeiros que ligassem a pauta fiscal dos conjurados a situação econômica de Vitoriano Veloso. João Pinto Furtado ao escrever o artigo ‘verbete inconfidência mineira’ nos traz sua visão historiográfica dos personagens da Inconfidência mineira e assim nos descreve suas participações:

Aos diversos participantes estariam destinadas algumas tarefas preferenciais: a implementação efetiva das estratégias de divulgação e a condução da ofensiva militar caberiam a Tiradentes e a Francisco de Paula Freire de Andrade; a Inácio José de Alvarenga Peixoto, Padre Rolim e Carlos Correia de Toledo em consórcio com Francisco Antônio de Oliveira Lopes caberiam, respectivamente, a articulação da defesa contra as forças que proviessem de São Paulo, da Bahia e do Rio de Janeiro; a Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manoel da Costa e ao Cônego Luís Vieira da Silva caberia a

elaboração de um corpo constitucional provisório; ao velho Coronel Domingos de Abreu Vieira e José Aires Gomes caberia vultuosa contribuição financeira para compra de pólvora e armas; a José Alvares Maciel caberia coordenar o processo de produção de armas e parte da elaboração legislativa. Outros, como Luís Vaz de Toledo Piza, Vicente Vieira da Mota e Vitoriano Gonçalves Veloso eram figuras de menor grandeza, com funções auxiliares e gravitando em torno de parentes ou patrões mais decisivamente ligados à trama. (FURTADO)

Dos poucos registros históricos sobre Vitoriano Gonçalves Veloso, sabe-se que nasceu em 1738 no distrito de Prados – MG. Filho de mãe escravizada e pai branco reza a oralidade que recebeu alforria na pia batismal. Como profissão exerceu o ofício de alfaiate mas tornou-se alferes[2], assim como Tiradentes.

Vitoriano Veloso foi vizinho e compadre da abastada conjurada D. Hipólita Jacinta Teixeira de Mello, que foi uma rica fazendeira do município mineiro de Prados, informação que nos ajuda compreender a linha de raciocínio de João Pinto Furtado, embora não a fundamente.

Por outro lado, há relatos que confirmam que Vitoriano Veloso era um mensageiro hábil que detinha a confiança dos conjurados, consta dos autos da devassa informações sobre sua habilidade em montaria e logística. Vitoriano Veloso foi interrogado 8 vezes durante sua prisão, que ocorreu durante tentativa de informar conjurados sobre a captura de Tiradentes e a traição de Joaquim Silvério dos Reis. Na devassa foi documentado que em uma das viagens de Vitoriano Veloso, ele percorreu em montaria 240 quilômetros em 3 dias e 2 noites, portando informações estratégicas da tentativa revolucionária, o que não sugere uma participação de menor grandeza (O Outro Alferes, 2019).

Há uma invisibilidade nos registros sobre a participação de Vitoriano Veloso na conjuração Mineira, e são muitas as perguntas que seguem sem respostas; em contrapartida, o que se tem fartamente documentado é a severidade de sua sentença. Tiradentes líder do movimento foi cruelmente executado por enforcamento e esquartejado, seus restos mortais foram expostos em praça pública. A segunda maior pena aplicada foi a de Vitoriano Veloso, sentenciado a **“tortura mediante açoite, como pena adicional por ser negro. Foi chibatado enquanto dava três voltas aos pés da mesma forca que havia matado o mártir da inconfidência”** recebendo ainda pena de banimento, foi deportado para Moçambique onde morreu em exílio. (O Outro Alferes, 2019)

Cecilia Meireles na coletânea Romanceiro da Inconfidência, em seu poema Alferes Vitoriano narra a sentença de Vitoriano Gonçalves Veloso (MEIRELES, 2015, p. 119)

“Não houve quem o livrasse  
de dar três voltas à forca;  
de gemer pela cidade  
pena de açoites sem conta;  
nem de partir para a viagem  
de degredo, amarga e longa.”

“E a carta nem fora entregue!  
Nem fora o recado escrito!  
- No seu cavalo, tão leve!  
- Na masmorra, tão perdido..  
Que imensas lágrimas bebe,  
por ter prestado um serviço! “

MANDADO DE EXECUÇÃO DA PENA IMPOSTA  
A VITORIANO GONÇALVES VELOSO:

JUSTIÇA QUE A RAINHA NOSSA SENHORA MANDA  
FAZER A ESTE REU VITORIANO GONÇALVES VELOSO, PELO  
HORROROSO CRIME DE REBELIÃO E ALTA TRAIÇÃO, QUE  
COMETEU NA CAPITANIA DE MINAS GERAIS, COM A MAIS  
ESCANDALOSA TEMERIDADE, CONTRA A REAL SOBERANIA  
DA DITA SENHORA, MANDA, QUE SEJA ADOITADO PELAS  
RUAS PÚBLICAS DESTA CIDADE ATÉ O LUGAR DA FORÇA,  
ONDE DARÁ TRÊS VOLTAS, E QUE VÁ DEGREDADO POR  
TEMPO DE DEZ ANOS PARA CABACEIRA GRANDE, SEN-  
DO-LHE CONFISCADA METADE DOS SEUS BENS PARA O  
FISCO E CÂMARA REAL.

RIO DE JANEIRO, A 12 DE MAIO DE 1792.  
E EU O DESEMBARCADOR FRANCISCO LUIZ ALVARES DA ROCHA,  
ESCRIVÃO DA COMISSÃO, O ESCREVI,  
DESEMBARCADOR SEBASTIÃO XAVIER DE VASCONCELOS COUTINHO,  
JUÍZ DA COMISSÃO DA CONJURAÇÃO.

Placa Memorial no Município Vitoriano Veloso (MG),  
conhecido como Bichinho, localidade vizinha a  
Tiradentes, antiga São José del-Rei

## Considerações

Se passaram mais de 200 anos e a relação entre Vitoriano Veloso e os Inconfidentes nos convida a revisar o Brasil e entender que como nação ainda não fizemos a nossa ‘lição de casa’. Nos falta dar respostas à diversas lacunas da nossa história. Nos cabe conhecer e descrever o passado, pontuar e entender o presente e enfim; estarmos aptos a editar nosso futuro.

**Dois séculos se passaram e o Brasil que conquistou sua independência ainda debate uma reforma tributária, o Brasil que aboliu a escravidão ainda sofre com o racismo, o Brasil que é um Estado Democrático de Direito onde todos são iguais perante a lei, ainda enfrenta a seletividade penal e o punitivismo baseado na cor da pele, o Brasil de maioria populacional preta insiste em invisibilizar a contribuição negra na construção desse país.**

## Referências

FURTADO, J. P. Verbete Inconfidencia Mineira. FAFICH UFMG. Disponível em: <<https://www.fafich.ufmg.br/pae/apoio/verbeteinconfidenciamineira.pdf>>.

MEIRELES, C. Romanceiro da Inconfidência. 13. ed. São Paulo: Global Editora, 2015.

O Outro Alferes. Portal Agora, Setembro 2019. Disponível em: <<http://www.agora.com.vc/noticia/o-outro-alferes/>>.

RODRIGUES, A. E; FREIRE, J. O preço dos escravos e suas “cores” nas escravarias dos inconfidentes mineiros da comarca do Rio das Mortes, nas Minas Gerais de 1789 a 1791. Estudos Ibero-Americanos, v. 44, p. 548-562, Dezembro 2018. ISSN 3.

[1] Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 550, set.-dez. 2018.

[2] Alferes era um cargo equivalente a subtenente.

## *Notável ousadia na concepção da obra, pelo arrojo na ressignificação poética*

Hélio Sena é compositor e professor formado pelo Conservatório Tchaikovsky, Moscou, Rússia

Atualmente há uma campanha terrível para destruir a imagem do Brasil e dos brasileiros. Tentam nos convencer de que, como povo, não temos qualquer mérito ou qualquer futuro. A demolição de valores da nossa terra se espalha pelas tradições, pela mídia, pelo consumo, pela música. Tudo parece convergir para uma estratégia de reduzir o Brasil a um país sem memória. E isso não vem de hoje. Já há 230 anos, a justiça portuguesa fez tudo para varrer da memória dos brasileiros a lembrança dos inconfidentes. Pelo crime hediondo de atentar contra o rei, recaíram sobre eles as prisões, o exílio e a expropriação dos bens. De Tiradentes não restou sequer moradia, túmulo ou ossos.

O poema musical de Luiz Carlos Prestes Filho traz uma visão radicalmente oposta: desvenda a poderosa energia nacional que brota da terra e aflora no suco dos canaviais que *“é doce, mas pode amargar”*. O canto em tom da *“Tradição”* nordestina se junta à batida firme no couro do atabaque construído com madeira de lei nativa, amburana e tapinhoã, que convoca a todos para uma indomável arrancada da lucidez, *“como a água que corre do rio e ninguém consegue parar”*. O Alambique Boa Vista, na despreziosa singeleza de sua construção, é abraçado com carinho e respeito, como monumento representativo de um grande momento de nossa história. Sob seu teto o visitante encontra Tiradentes, os inconfidentes e sua saga. Da viva voz deles ainda ressoa a declaração ao país, confirmada pelo testemunho de seu sacrifício extremo: *“Verás que um filho teu não*

*foge à luta*". *"Nem teme, quem te adora a própria morte"*. Vivificados pelo espírito dos nossos heróis, nos imbuímos do sentido de nossa missão, no empenho incansável para que *"o sol da liberdade em raios fúlgidos"* brilhe no céu da Pátria. O Alambique nos comove como local ímpar de visita reflexiva sobre nossa própria história. Sua serenidade secular suscita um turbilhão de afetos, emoções, significados, reflexões, amadurecimento, promessas, gritos, indignação, resistência, conclamação, abertura para o futuro. Na modéstia dessa construção está a ideia de um mundo melhor, um ideal moderno e universal de justiça e amor. Este local nos diz muito dos problemas que hoje enfrentamos no Brasil. De suas velhas paredes saem raios de luz, que se expandem por serras e planícies na imensidão do País. *"Quem se aproxima do Campo das Vertentes, sente a Cachaça Boa Vista no ar. Que sentidos inconfessos ela quer desabrochar?"*

A obra dramático-musical "Molhem minha goela com cachaça da terra", está perfeita. Dentre todos os trabalhos de Luiz Carlos Prestes Filho, deste é o que mais gosto. Texto em novo patamar de amadurecimento estilístico. As inflexões melódicas, que a cada passo ampliam o horizonte de seu voo, trazem o caráter da música popular brasileira, e revelam extraordinária habilidade rítmica, ao conseguir lidar com a assimetria da fala.

No calor do gesto melódico e no balanço dos gêneros nacionais, a presença de nossa etnia multicolor. Há notável ousadia na concepção da obra, pelo arrojo na ressignificação poética de muitas de suas ideias fundamentais. Apesar da grande diversidade de imagens e associações, consegue atingir simplicidade e organicidade, o que faz do poema musical um todo monolítico de sentido e de forma.

Acesse **Molhem Minha Goela com Cachaça da Terra**  
em uma destas plataformas



@Todamerica Edições Ltda.

03

# LENDAS

## Coluna Prestes

A Coluna Prestes  
Obra de Vasco Prado



**Luiz Carlos Prestes Filho**

Poesia, Texto, Música, Letras das Canções e Ilustrações

**Luiz Eduardo de Oliveira**

Arranjo e Direção Musical

Dedico esta obra ao fundador do Estado do Tocantins, Governador José Wilson Siqueira Campos, que teve a coragem de realizar a obra do Memorial Coluna Prestes Tocantins em Palmas, na Praça dos Girassóis, junto a sede do Governo do Estado, no Centro Geodésico da nação.

Desta maneira, fixar a imagem do Cavaleiro da Esperança no coração do Brasil.

“Era a lenda que nos acompanhava por toda parte. Muitas se formaram a nosso respeito”.

**Laurenço Moreira Lima**

no livro *A Coluna Prestes, Marchas e Combates*



Luiz Carlos Prestes, o Cavaleiro da  
Esperança, sobre o pedestal  
do Memorial Coluna Prestes  
inaugurado em 2001,  
Palmas, Tocantins.  
Obra do escultor Maurício Bentes.

# Prefácio

## Luiz Carlos Prestes: a jornada épica do herói que emergiu do povo

Desde a mais tenra idade, um jovem grego era introduzido por seus pais nas sagas de Hércules, também conhecido como Hércules pelos romanos. A jornada deste semideus edificava o arquétipo de um herói cujo exemplo servia para formar o caráter daqueles meninos.

Hércules foi vitimado pelas circunstâncias do destino e como uma forma de redenção cumpriu 12 trabalhos que o colocaram ao lado dos grandes deuses olímpicos; como um mortal que conquistou por sua própria jornada, a imortalidade.

Como Hércules, os gregos tiveram outros heróis como Agamenon, Aquiles, Édipo, Perseu e muitos mais cujas aventuras foram brilhantemente imortalizadas nos poemas e nas canções épicas. A sociedade grega formou-se em torno de seus heróis. Fossem míticos ou históricos, pouco importava. O que de fato considerava-se relevante era o ensinamento que suas vidas traziam e o porquê elas faziam com que o povo compartilhasse valores éticos e morais através de princípios comuns.

Era no culto aos deuses, deusas, musas, heróis e atletas que os gregos viram sua identidade helênica e helenística desenvolver-se. Era na vida em torno da pólis, de seus sistemas políticos e de suas línguas que emergiu o que chamamos de cultura clássica.

Aí perguntamos: mas o que isto tem a ver com o Brasil de hoje?

O ano de 2022 traz importantes efemérides. Há 200 anos, o Brasil se tornava um país independente, com grandes desafios para superar o atraso de séculos de colonialismo, escravismo e dependência econômica externa. Passados 100 anos, em 1922, o Brasil já era uma República que havia abolido a escravidão, mas ainda não conquistara sua democracia, o povo não participava das decisões políticas do país, a pobreza na cidade e no campo eram a marca de um regime decaído que precisa urgentemente ser colocado à prova e renovado.

1922 foi, portanto, um ano de rebeldia. Naquele ano, o Partido Comunista do Brasil, que passaria a usar naquele momento a sigla PCB, foi fundado como a primeira organização político-partidária genuinamente proletária. A Revolta do Forte de Copacabana inaugurava um ciclo do chamado movimento tenentista, que trazia à tona as reivindicações políticas do baixo escalão das forças armadas que desejavam trazer sua contribuição para o país. Naquele mesmo ano teve ainda a Semana de Arte Moderna em que a ideia era parar de copiar a cultura europeia importada e criar no Brasil algo novo, que refletisse o seu espírito de época de um povo que emergia com grandes aspirações para um futuro promissor.

Nesse caldeirão, eclodiu no Rio Grande do Sul e em São Paulo duas insurgências. No ano de 1924, a Coluna paulista, liderada por Miguel Costa, e a Coluna, gaúcha liderada por Luiz Carlos Prestes, unificou-se em Foz do Iguaçu e começou sua jornada épica. Como relata Fernando Morais, em seu livro *Olga*, esta coluna foi em todo mundo conhecida como “a coluna invicta”. Afinal, foram 24 mil quilômetros acumulando vitórias e percorrendo os sertões do Brasil, desconhecidos pelos que viviam nas cidades, mas revelados por Euclides da Cunha poucos anos antes.

Neste contexto que destaco a importância da obra dramático-musical “Lendas - Coluna Prestes” de autoria de Luiz Carlos Prestes Filho. Através da poesia e da música mergulhamos no imaginário da marcha que

espalhou lendas de norte a sul, de leste a oeste pelo Brasil. Traz a figura do pai como se este fosse Héracles, Agamenon, Aquiles, Édipo ou Perseu. Mas faz como faziam os poetas modernistas: de um jeito brasileiro, que se inspira nos antigos mas que cria algo novo enraizado em nossa tradição, em nossa brasilidade.

Como líder da coluna, a liderança de Prestes projetou-se em todo o país. Logo, ele passaria a ser chamado por Jorge Amado de “O Cavaleiro da Esperança”. Para os movimentos revolucionários internacionais, a Coluna Prestes era uma lenda. Ela viria a inspirar ninguém menos do que Mao Tse-Tung na Longa Marcha que se concretizou na Revolução Chinesa de 1949.

Mas o que de fato queria a Coluna? O Brasil era um país de iletrados e uma de suas reivindicações centrais era a educação pública básica. Seus quase 1,5 mil combatentes desejam enfrentar as fraudes eleitorais que eram a marca da República Velha, em que as oligarquias agrárias tradicionais mantinham-se indefinidamente no poder enquanto o povo vivia na miséria. Havia, assim, uma agenda democrática, popular e também nacional, visto que os tenentes eram acima de tudo grandes patriotas com um amor incondicional pelo Brasil e pelo povo sofrido do país.

A Coluna Prestes seguiu até onde foi possível e quando viu que não tinha mais condições de avançar, com baixas por combates e moléstias, moveu-se para a Bolívia em 1927. Uma foto histórica de Prestes inspirou ninguém menos que Cândido Portinari a pintar um mural no qual o líder da coluna foi retratado representando Tiradentes, o mártir da Independência sob o lema da liberdade, ainda que tardia. Este mural hoje orna o salão principal do majestoso memorial da América Latina, projetado por Oscar Niemeyer, o gigante da arquitetura brasileira que também nutria imensa admiração por Prestes e por seu legado.

Ainda na Bolívia, Prestes foi visitado por Astrogildo Pereira, que lhe presenteou com obras de Marx, Engels e Lênin. Era o que faltava para a vida Prestes para que ele tivesse uma causa principal que aglutinasse todas aquelas pelas quais já lutava. Prestes foi então para a União Soviética onde filiou-se ao PCB, iniciando uma longa amizade com os soviéticos, onde planejava a estratégia e as táticas para uma revolução socialista no Brasil.

Prestes conheceu sua então companheira Olga Benário com quem retornou ao Brasil para preparar a insurgência revolucionária. O movimento de 1935 tem sido muito maltratado pela historiografia, que o chama de “intentona” e destaca apenas o fracasso. Entretanto, há que se ressaltar que por mais que a decisão de Prestes de antecipar o movimento possa ter sido um equívoco, ele a fez em solidariedade aos rebeldes de Natal e Recife. Afinal, a Coluna havia deixado uma marca de sempre permanecer ao lado dos companheiros de jornada. Não podemos esquecer que o movimento revolucionário de 1935 foi o primeiro levante armado contra o fascismo no mundo, que começava a chocar o ovo da serpente por onde se espalhava.

Prestes e Olga foram presos junto com outros comunistas. Em terríveis condições no presídio de Ilha Grande, Graciliano Ramos escreveu suas “Memórias do Cárcere”. Como Olga era de nacionalidade alemã, judia e comunista, o governo nazista pediu sua extradição. O STF acatou. Na mesma Espanha em que voluntários internacionalistas se alistavam para combater o fascismo, uma campanha de solidariedade, da qual participaram Federico Garcia Lorca e Pablo Neruda, foi lançada para pedir a libertação de Olga e de sua filha, Anita, que foi libertada. Olga teve seu destino selado em um campo de concentração. Mas as canções em homenagem a Prestes ficaram eternizadas nas baladas cantadas ao redor das fogueiras pelas legiões internacionalistas na Guerra Civil Espanhola.

Depois de uma covarde agressão da Alemanha nazista a navios brasileiros, o Brasil declarou guerra ao Eixo e uniu-se aos Aliados. Os brasileiros enviaram os pracinhas para a Itália onde tiveram uma grande importância na Batalha de Monte Castelo, auxiliando os partisans a se libertarem do jugo fascista. Com grande protagonismo da União Soviética, os nazistas foram derrotados após a batalha de Stalingrado. Berlim foi tomada e a bandeira vermelha soviética com a foice e o martelo foi hasteada no Reichstag alemão. Os Estados Unidos e a Grã Bretanha entraram no continente e assim o conflito mundial foi selado com a vitória aliada.

Prestes foi então libertado em 1945. Mas ele teve que lidar com uma das situações mais difíceis de sua vida. As forças reacionárias do país tramavam um golpe contra Vargas. Prestes havia sofrido o arbítrio da ditadura do Estado Novo, perdeu camaradas e até sua própria companhia. Mas naquele momento deixou uma lição para o futuro: a de que o Brasil era maior que ressentimentos pessoais e decidiu apoiar a transição democrática, com o país sob o comando de Vargas.

O Partido Comunista crescia e a liderança de Prestes inspirava multidões. Em seu pronunciamento no Estádio do Pacaembu em São Paulo foi aclamado pelos trabalhadores brasileiros que identificavam nele o herói das classes populares. A grandeza de Prestes foi reconhecida pelo povo e ele foi eleito o senador mais votado do país. Contribuiu para que o PCB, elege-se 15 deputados. Todos tiveram grande ativismo na elaboração da Constituição democrática de 1946.

Em 1947, o registro do PCB foi cassado e Prestes perdeu o mandato. Em 1950, Prestes casou com Maria e teve 7 filhos: João Antônio, Rosa, Ermelinda, Luiz Carlos, Zoia, Mariana e Yuri. Adotou Pedro e Paulo. Até 1964, o partido viveu uma situação de semilegalidade. Em 1962 houve uma cisão e agora passou a existir o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e o Partido Comunista Brasileiro (PCB), com Prestes permanecendo na liderança deste último.

Em razão do golpe militar de 1964, Prestes precisou exilar-se na União Soviética com sua família. Os partidos comunistas brasileiros dividiram-se em grupos guerrilheiros menores e o regime ditatorial perseguiu-os brutalmente. A posição de Prestes foi a de organizar a resistência pacífica, se colocando em campo oposto ao de muitos de seus antigos companheiros. Posição vitoriosa que de fato levou ao fortalecimento dos movimentos populares que derrubaram a ditadura militar.

Prestes voltou ao Brasil após a anistia em 1979, rompeu com o PCB e aproximou-se do Partido Democrático Trabalhista – PDT de Leonel Brizola. Viu a ditadura acabar em 1985, o Brasil conquistar sua nova Constituição em 1988 e participou da primeira eleição democrática pós-ditadura. Faleceu em 1990 sendo reverenciado pelos principais líderes políticos do Brasil e admiradores de todo o país e do mundo.

Assim, ficam uma questão: devemos considerar a Coluna Prestes como um grande evento da História do Brasil e Luiz Carlos Prestes como herói do povo brasileiro?

A resposta é: sim, porque suas ideias impulsionaram o Brasil em seu progresso civilizatório.

A Revolução de 1930 acabou com a corrompida República Velha. Tenentes que participaram da Coluna tornaram-se patriotas que lutavam por bandeiras nacionalistas como a do “O Petróleo É Nosso!” na década de 1950. O Brasil industrializou-se aceleradamente até 1980. Logo, outras pautas da Coluna virariam realidade. Na década de 1990, a educação básica e média foi universalizada e na década de 2000, o mesmo aconteceu com o ensino superior. As fraudes eleitorais da República Velha foram progressivamente sendo superadas até se chegar às urnas eletrônicas na Nova República como uma das formas mais seguras para se votar, capaz ainda de garantir uma apuração do resultado em poucas horas.

Ou seja, as bandeiras políticas da Coluna tornaram-se realidade e Luiz Carlos Prestes foi quem expressou esses ideais enquanto figura pública.

Como acontecia com os heróis gregos, Prestes acertou e errou. Mas aprendeu com seus erros, foi sincero em seus objetivos e encarnou a vontade do povo pobre, trabalhador e humilde que um dia acreditou que o Cavaleiro da Esperança poderia transformar o Brasil. Como acontecia com os heróis gregos, Prestes passou por provas para mostrar seu caráter. Foi preso, torturado, perdeu sua companheira, teve mandato cassado e foi exilado. Mas conquistou a liberdade, venceu suas dores pessoais para colaborar com o Brasil, construiu uma nova família, continuou com as atividades políticas e retornou ao Brasil triunfante com uma multidão recebendo-o no aeroporto.

Então sim, Prestes é um herói. Um herói brasileiro reconhecido pelo próprio povo, que viu nele uma palavra: ESPERANÇA. Comandante da Coluna Prestes que agora recebe suas lendas em forma de poesia e música. Canções e poemas compostos por ninguém menos do que o filho que leva o seu nome.

A história de Prestes se liga de alguma maneira à minha trajetória pessoal. Meu avô Guico era um homem do campo em Piracicaba, no interior de São Paulo. Ele vivia da agricultura com uma grande família e jamais soube o que era comunismo ou o que estava em disputa nas questões políticas do país. Mas acreditava que Luiz Carlos Prestes saberia o que fazer para o povo melhorar de vida. Ele apoiava Prestes, acreditava que um dia o Cavaleiro da Esperança presidiria o Brasil e seria diferente de todos os outros porque era um homem que veio do povo. Esse carinho de meu avô por Prestes resultou no nome de minha mãe: Olga.

Conheci Luiz Carlos Prestes Filho nas redes sociais e logo ficamos amigos. Sua obra poética é a forma muito própria e brilhante pela qual ele narra

as jornadas do pai. Ele fez parte dessa história e tem grande contribuição na preservação da memória de Prestes, de seus companheiros e familiares que formavam o suporte que o líder precisava para realizar sua tarefa.

Dizem que todas as artes são inspiradas pelas musas gregas. Calíope, a musa da poesia épica, abençoou Luiz Carlos Prestes Filho. Já minha musa é Clio, aquela que orienta-nos a escrever a história. Temos, portanto, formas diferentes de expressar a grandeza dos eventos históricos. Mas acima de tudo dividimos algo em comum: reconhecemos Luiz Carlos Prestes como um herói do povo brasileiro e dos revolucionários de todo o mundo.

Essa memória precisa ser revivida constantemente para que o povo brasileiro em todas as gerações vindouras de jovens inspire-se neste movimento que Prestes liderou quando ainda tinha 26 anos.

Luiz Carlos Prestes, presente!

**Thomas Henrique de Toledo Stella** é Historiador  
e doutorando em Arqueologia pela USP

# Introdução

A Coluna Prestes não tem paralelos na História da humanidade. Foi a mais extensa de todas as marchas realizadas ao longo da História. Nenhum povo fez outra igual. Seus objetivos: liberdade e justiça social.

Derrotando 17 generais do exército regular brasileiro - em batalhas e manobras - os revoltosos, como foram batizados pelo povo por onde passaram, cruzaram vinte quatro (24) mil quilômetros de todo o Brasil.

**“No ano de 1995, percorri a trilha da marcha, entrevistei 450 testemunhas que vivamente me relataram fatos distantes e causos, como se os revolucionários tivessem acabado de passar. Durante a viagem tive a idéia de construir o Memorial Coluna Prestes Tocantins, que o Governador José Wilson Siqueira Campos realizou em Palmas, com projeto do arquiteto Oscar Niemeyer; e o Memorial Coluna Prestes Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul, que o prefeito Adroaldo Loureiro realizou, na antiga Estação Ferroviária da cidade. Oscar Niemeyer também projetou a meu pedido o Monumento Coluna Prestes para as cidades de Santo Ângelo (RS), Santa Helena (PR), Arraias (TO) e de Crateus (CE). Ao Memorial Coluna Prestes Tocantins dediquei sete anos de minha vida, sempre com o apoio incondicional de minha mãe, Maria Prestes (1995-2001).**

As canções, os cordeis e os poemas do povo simples do interior sobre a Coluna Prestes me aproximaram do nativismo gaúcho; do rasqueado pantaneiro; da catira goiana; da jiquitaia tocantinense; do bumba-meu-boi maranhense; do xaxado nordestino; da viola caipira mineira; entre tantos outros gêneros. Desta vivencia musical vem a obra “Lendas - Coluna Prestes”.

Luiz Carlos Prestes Filho



Memorial Coluna Prestes Santo Ângelo, Rio Grande do Sul,  
ponto de partida da marcha. Inauguração 1996.

# Avante Camarada

Orquestra / Movimento nº 1 - "Avante Camarada"

Seu olhar dos horizontes  
Queria hoje descansar  
Mas continua a voar para longe  
Para longe, para longe... como parar?

Suas asas estão pesadas  
Queriam hoje descansar  
Mas continuam a busca, a busca  
O voo... como parar?

Amanhece já é hora  
Vem aos poucos o despertar  
Volta o homem ao seu corpo  
As garras somem ao voltar

Moradores do interior do Brasil até hoje adoram confessar, bem baixinho, para não ter testemunhas, que o chefe da Coluna via o futuro. Tanto que ele sempre sabia tudo sobre os caminhos que seus soldados iriam percorrer. Afirmavam que à noite ele se transformava numa águia, conservando a sua face barbuda, e sobrevoava os rios e as florestas, as cidades e as fazendas. Nesse voo ele marcava onde era possível encontrar comida, cavalos e local para pouso. E, claro, descobria onde estavam escondidos os inimigos:

**“Prestes ‘advinhava’, razão porque não podíamos ser batidos pelas forças do ‘governo’, das quais eles sempre tinham notícias de derrotas que lhes infligimos. O nome de Prestes enchia todos os pensamentos. Os matutos, quando nos encontravam, era logo por quem perguntavam, e quando se achavam na sua presença, olhavam-no com um respeito supersticioso, admirados de ser nosso chefe aquele moço pequenino e cabeludo, de face pálida e maneiras delicadas. A fama de Prestes empolgava a alma angustiada das multidões sofredoras como uma promessa de liberdade e justiça”. (Relato do secretário da Coluna Prestes, Lourenço Moreira Lima, no seu diário “Marchas e Combates”, pág. 194)**

O Movimento n° 1 - “Avante Camarada”, foi realizado a partir da obra original do compositor e maestro, Antônio Espírito Santo. Mestre da banda da cidade de Angical, interior do Estado da Bahia, ele compôs “Avante Camaradas”, numa homenagem a passagem da Coluna Prestes por suas terras. A mesma acabou indo parar no hinário das Forças Armadas Brasileiras.



Luiz Carlos Prestes Filho ao lado de uma das esculturas do conjunto  
“Os 18 do Forte,” escultor Maurício Bentes. Palmas, Tocantins.

>> Acesse o movimento musical e a partitura de “Avante Camarada”

| MOVIMENTO MUSICAL |



| PARTITURA |





Memorial Coluna Prestes Tocantins, projeto Oscar Niemeyer,  
Inaugurado em 2001. Palmas, Tocantins.

## Lisões

Orquestra / Movimento n° 2 - “O Herói”

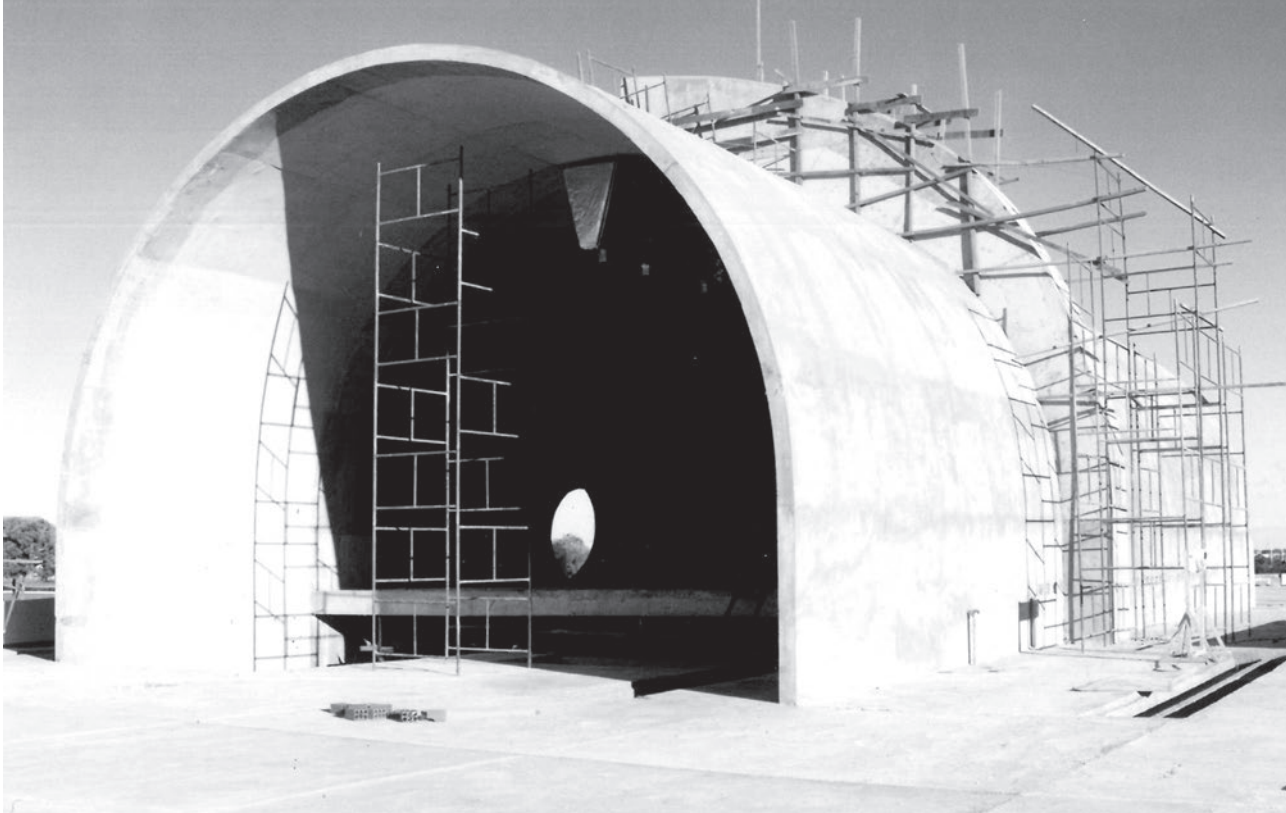
Não foi só Santo Ângelo que iluminou  
Não foi só São Luiz que apontou  
Quando pediu para o soldado  
Este o caminho mostrou  
Muito além do futuro que antes do passar chegou

Seu soldado tinha ervas de obê no chimarrão  
Tocava atabaque, tocava violão  
Com um relâmpago ensinou  
Fez o comandante ter visão  
Disse: “Pode correr o Brasil  
Seu corpo está fechado, morre não”

O Batalhão Ferroviário de Santo Ângelo, que formou o núcleo da Coluna Prestes, era na sua maioria composto de soldados negros. Entre eles o jovem Hermogêneo Dias Messa, que contou certa vez: “Eu lembro daquela cobra que estava sobre a pedra. Era uma sucuri. Foi com uma paulada que Prestes acabou com ela. Isso nos aproximou. Senti nele coragem. Lembro, que eu tinha o Baito e o Companheiro. Eles eram ensinados, um saltava no pescoço do inimigo, o outro segurava as pernas do pobre coitado. Prestes ria dessa habilidade dos meus cães. Isso nos fez ser iguais. Lembro que eu fui jogar osso e ganhei por adivinhar as jogadas de toda a nossa negrada. O Prestes ficou admirado. Curioso me perguntou como eu podia adivinhar as coisas? Foi aí que eu contei para ele como ter visões. O nosso comandante gostou e passou a praticar. Naquele dia eu segredei para ele não ter medo, que o corpo dele estava fechado”.

Alegre, Hermogêneo, lembra da brincadeira que os soldados cantavam para o sargento Sapo do Batalhão Ferroviário:

*“Tudo corria muito bem  
Tudo estava bem e bom  
Quando o sargento Sapo  
Velho afamado mandou entrincheirar  
Toda a negrada com choque rolou  
Rolou, rolou, rolou  
Até que o sargento gritou  
Não é rolar!  
É no buraco que tem que entrar”*



Memorial Coluna Prestes Tocantins, projeto Oscar Niemeyer,  
em construção, Palmas, 1998.

>> Acesse o movimento musical e a partitura de “O Herói”

| MOVIMENTO MUSICAL |



| PARTITURA |





Luiz Carlos Prestes Filho e Oscar Niemeyer.

# Cavalgando Peixes

Orquestra / Movimento n° 3 - "Lendas Coluna Prestes"

Foram tantas águas de tantos rios para atravessar  
Que daria para dizer que a Coluna atravessou um mar

Tantos bichos ferozes essas águas escondiam  
Horrendos de amargar

Eles saltavam para a terra tudo querendo arrastar  
Para as suas profundezas, era correr ou se entregar

Tinha peixe do tamanho de carro de boi para cavalgar  
Os viventes que escaparam têm medo de contar

Nenhum rio foi obstáculo para a macha seguir seu rumo. Contam que o comandante nem precisava solicitar embarcações para travessias das águas. Ele lançava uma misteriosa armação e uma rede, abrindo passagem para os homens e animais sobre as águas. Caso alguém corresse risco de cair nas profundezas dos rios, a rede segurava.

Os revolucionários atravessaram os principais rios brasileiros: rio Uruguai (Rio Grande do Sul e Santa Catarina); rio Araguaia (Mato Grosso e Goiás); rio Tocantins (Tocantins e Maranhão); rio Balsas (Maranhão); rio Parnaíba (Maranhão e Piauí); o rio Jaguaribe (Ceará); e o rio São Francisco (Pernambuco, Bahia e Minas Gerais).

**“Lembra no seu diário o secretário da Coluna Prestes, Lourenço Moreira Lima que os matutos: “... Ficaram escandalizados quando Cordeiro de Farias (*um dos comandantes da Coluna*) lhes perguntou pelas canoas, porque lhes haviam dito que atravessávamos os rios sem nos utilizarmos de embarcações, por conduzirmos um ‘apareio de mangaba’ que estendíamos sobre as águas passando por ‘riba deles’ bem como uma ‘rede’ de apanhar homens e cavalos, rede tal que não havia ‘vivente’ que lhe escapasse” (Relato do secretário da Coluna Prestes, Lourenço Moreira Lima, no seu diário “Marchas e Combates”, pág. 194)**

Peixes-monstros ameaçadores não intimidavam os homens de Prestes. Os guerreiros laçavam os mesmos e colocavam celas neles. Contam no interior que os *revoltosos* cavalgavam estas criaturas com a mesma bravura e elegância com que os gaúchos o faziam sobre os seus cavalos.

“Disseram-nos (...) que havia (...) peixes colossais, feras monstruosas que atacavam as ‘criaturas’ até fora do rio, salientando-se pela audácia o ‘Negro d’água’ um ‘bicho feroz’ que saltava em terra, ereto como um gigante e as perseguia, arrastando-as para o fundo d’água; e um outro, cujo nome não sabiam ‘tamanho da roda de um carro de bois’, que corria pelas margens atrás dos homens, um horrendo terém”. (Relato do secretário da Coluna Prestes, Lourenço Moreira Lima, no seu diário “Marchas e Combates”, págs. 194-195)

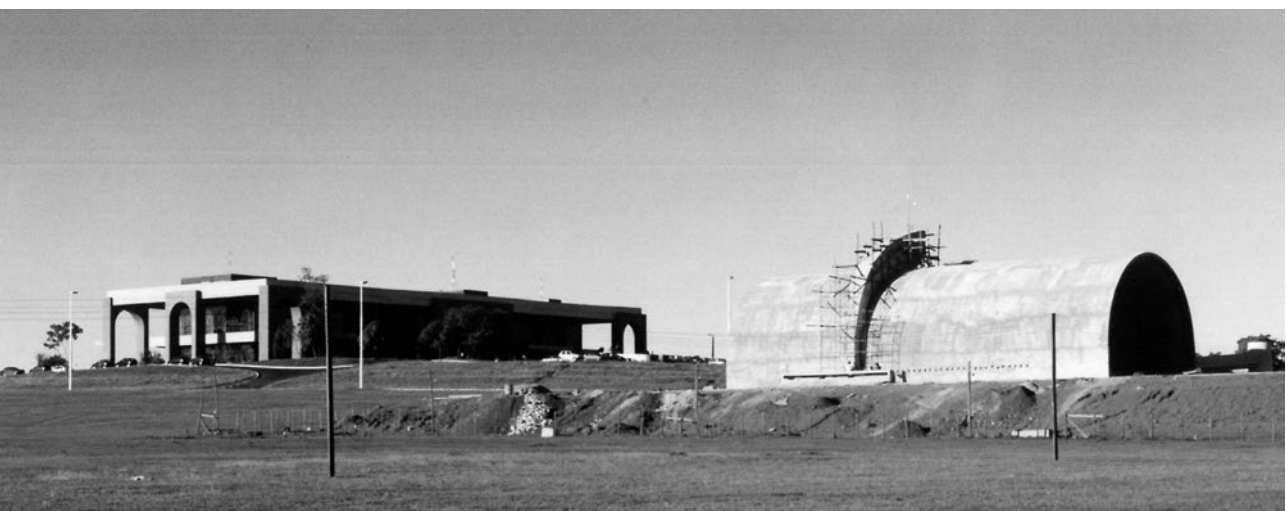
>> Acesse o movimento musical e a partitura de “Lendas - Coluna Prestes”

| MOVIMENTO MUSICAL |



| PARTITURA |





Memorial Coluna Prestes Tocantins, projeto Oscar Niemeyer, em construção, Palmas. Ao fundo o Palácio Araguaia, sede do Governo do Estado do Tocantins, Praça dos Girassóis, 1998.

# Nossa Senhora de Lourdes

Orquestra / Movimento n° 4 - "O Anel de Ferro"

E o vento soprava mas nenhum galho se mexia  
E os revoltosos pisavam as águas mas nenhum ruído  
escapava

De muito distante vinham os cânticos e as rezas  
A pálida luz do círio iluminava mas não queimava

A marcha do Anel de Ferro se fechava  
Na invisibilidade a revolução escapava

A Coluna Prestes fez seus primeiros movimentos nos pampas gaúchos, sob a proteção de Santo Ângelo, São Luiz Gonzaga, São Miguel das Missões e de Nossa Senhora de Lourdes. Sua identidade foi marcada pelo laço vermelho maragata que envolveu o peito de soldados e comandantes. A Coluna Prestes teve como marca musical o som da gaita gaúcha. Conta a lenda que as mulheres de São Luiz Gonzaga, fiéis a esta santa, pediram um milagre e foram atendidas, pois a Coluna Prestes escapou misteriosamente do Anel de Ferro armado pelos inimigos no entorno daquela cidade. Quatorze mil (14.000) soldados do Exército Brasileiro não viram passar os mil (1.000) homens comandados por Prestes, que romperam o cerco como seres “invisíveis”. Quando o Anel de Ferro se fechou, a Coluna Prestes já estava fora dele e a mais de 100 quilômetros de distância de São Luiz Gonzaga. O exército, o governo e os jornais tinham sido categóricos: o cerco seria intransponível.

Como os *revoltosos* – denominação dada pelo povo para a Coluna – conseguiram escapar? Tem morador local que lembra que seu avô disse para o seu pai, que contou para sua tia, que afirmou para o melhor ervateiro da aldeia que foi uma águia barbuda que orientou aquela retirada na escuridão da madrugada. As mulheres de São Luiz Gonzaga não acreditam em águia nenhuma. Para elas, o sumiço da Coluna Prestes foi ação da Nossa Senhora de Lourdes. Como agradecimento, aquelas mulheres ergueram uma gruta em homenagem à santa. Assim, nunca ninguém da cidade vai esquecer do milagre que evitou o derramamento de sangue de tantos irmãos. Esta gruta hoje é local de devoção.



Memorial Coluna Prestes Tocantins, projeto Oscar Niemeyer, em construção, Palmas. Junto a futura entrada, Luiz Carlos Prestes Filho, 1998.

>> Acesse o movimento musical e a partitura de “O Anel de Ferro”

| MOVIMENTO MUSICAL |



| PARTITURA |





Memorial Coluna Prestes Tocantins, projeto Oscar Niemeyer,  
em construção, Palmas, 1998.

## Vivandeiras

Para canto sem acompanhamento ou declamação

O sofrimento é a única verdade que merece atenção  
Para a vivandeira Joana a maldade  
Não participou do ato da criação  
Nem do parto da Santa Rosa que deu ao mundo  
o filho da revolução

A Cara de Macaca e a Chininha andarilha  
Nenhuma bala pegava porque a verdade sabia  
Que a morte acertar não podia  
A criatura que a mentira combatia

Isabel estava com as vivandeiras  
Nenhum sofrimento sua verdade abatia  
Um negro de Santo Ângelo a Redentora protegia  
Para ele o império da liberdade um dia voltaria

A Coluna Prestes contou com a participação de trinta (30) mulheres. Estas nunca pediam milagres. Eram guerreiras, enfermeiras, mães e amantes. Quando necessário, pegavam em armas.

“As nossas Vivandeiras marchavam ‘lindo’, como dizem os gaúchos. Passavam Hermínia com sua cadela dentro duma estopa, a tiracolo; Santa Rosa, com o José, ‘Filho da Revolução’, (...) muitas vezes cavalcando junto ao pescoço de algum soldado; a velha Joanna, pequenina e gorduchinha (...); a Onça, maxixando na lama; a Cara de Macaca, carregando o fuzil do companheiro; a Chininha, (...) andarilha sem igual, apesar das suas avantajadas banhas de mulata”. (Relato do secretário da Coluna Prestes, Lourenço Moreira Lima, no seu diário “Marchas e Combates”, pág. 351)

Grupos de negros do Brasil Central foram ao encontro da Coluna Prestes. Disseram que sabiam que entre as trinta (30) mulheres estava a Redentora, a Princesa Isabel. Diziam que a participação dela era a prova de que a Coluna Prestes lutava pelos negros e pela volta da Monarquia. Alguns contaram que a Princesa Isabel levava consigo a sua coroa real, que era sim uma das revoltosas. Por isso, a população oprimida e abandonada via na passagem das trinta Vivandeiras a mesma mão que acabou com a escravidão.

“Em Porto Nacional, o povo acorria curioso para ver a Princesa Isabel, que viajava conosco, conforme se espalhou, por nos acompanhar uma Vivandeira desse nome”. (Relato do secretário da Coluna Prestes, Lourenço Moreira Lima, no seu diário “Marchas e Combates”, pág. 199)

# Jaguncinho

Orquestra / Movimento nº 5 – “Recuar Jamais”

Meninos pontiagudos, cabelos ondulados em fechos  
Corpos de madeira, de aço, inteiriços de miras certas

Tinham no máximo um metro e cinquenta e cinco  
Nas mãos o brasão do exército brasileiro

Quantos peitos essas baionetas visitaram?  
Quantas vezes esses gatilhos dispararam?  
Quantas bandoleiras arrebentaram no meio do tiroteio?



Os meninos da Coluna Prestes eram identificados como Jaguncinhos. Eles cumpriam serviços que exigiam coragem. Muitas vezes foram esses guris responsáveis pela busca de informações sobre os deslocamentos do inimigo - na vanguarda, na retaguarda ou nos flancos.

“Durante a marcha, muitos meninos de 12 a 14 anos se incorporaram à Coluna, distinguindo-se alguns pela sua bravura. Entre outros, lembro-me dos seguintes: Jaguncinho e Aldo (...), Tiburcio, maranhense, Pedrinho e José Thomaz de Aquino, piauienses. O último desses meninos foi promovido a aspeçada por ato de bravura, conforme consta no Boletim n. 29 do Comando em Chefe, datada de 1926”. (Relato do secretário da Coluna Prestes, Lourenço Moreira Lima, no seu diário “Marchas e Combates”, pág. 491)

>> Acesse o movimento musical e a partitura de “Recuar Jamais”

| MOVIMENTO MUSICAL |



| PARTITURA |



## Xibéu

Para canto sem acompanhamento ou declamação

Olhando para o céu, entendo não fomos uma estrela  
E como poderíamos ser?  
Andarilha nossa coluna um planeta

Nunca dormimos, nunca paramos,  
só descansamos no sono daqueles  
Que fecharam as pálpebras depois de um tiro certo

Caraíba, caju, manga, capim santo, açoita cavalo  
Acabou-se o mate do chimarrão

Como esse mato brilhava no nosso caldeirão!  
Nas frias madrugadas do pantanal, do cerrado, do sertão

Os ervateiros descobriam o xibéu das folhas,  
das sementes, dos galhos  
Os mateiros na caatinga os mistérios das flores, dos frutos

Não, nunca fomos uma floresta e como poderíamos ser?  
Se andarilha a nossa coluna como um bicho do mato

Nunca dormiu, nunca parou,  
só descansou no sono daqueles  
Que fecharam as pálpebras depois de um tiro certo

Quando a marcha avançou para além das terras do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso, a reserva de erva-mate acabou. Não tinha como ter café. A bebida que passou a manter os revolucionários em pé era preparada com a vegetação que encontravam no caminho. Os caldeirões comunitários ferviam nas frias madrugadas. Parecia *fazimento* de poções mágicas para aquisição de força e de bravura.

**“A indústria do xibéu desenvolveu-se extraordinariamente (...) na ausência do café. As folhas de caraíba, caju, manga, capim santo, açoita cavalo e de outras plantas ferviam nas chaleiras e panelas, em torno das quais nos aglomerávamos à espera que a água fervesse, para ingerirmos alguma coisa quente, mesmo sem açúcar”. (Relato do secretário da Coluna Prestes, Lourenço Moreira Lima, no seu diário “Marchas e Combates”, pág. 417)**

Luiz Carlos Prestes Filho ao lado da escultura do pai, em exposição na Praça dos Três Poderes, Brasília, 1998



# Padre Cícero e Lampião

Orquestra / Movimento nº 6 – “A Coluna dos Prestes”

Presidente chamou Floro, este chamou o Padinho  
Padinho chamou Prestes que respondeu  
que o seu caminho  
Não tinha como parar, que não iria pra Juazeiro  
até a luta acabar

Presidente voltou pro Floro, este voltou pro Padinho  
Padinho chamou Lampião que em Juazeiro  
recebeu a missão  
De rastilhar a serpente luminosa, apanhar, estrangular

Presidente deu dinheiro, armas e munição  
A patente que fez de Virgulino o mais famoso capitão  
Do exército brasileiro com toda razão

Mas ao sair de Juazeiro Lampião rompeu a corrente  
Padinho-Floro-presidente  
Seguiu a trilha oposta da serpente

Um santo popular brasileiro, o Padre Cícero, escreveu para o Capitão Luiz Carlos Prestes disponibilizando apoio, dizendo que ia conversar com o Presidente do Brasil sobre a liberdade pela qual lutavam. Na sua opinião, os revoltosos deviam acabar com a guerra e depositar as armas em Juazeiro do Norte. Prestes não aceitou. O presidente do Brasil de então, o Arthur Bernardes, deu armas e dinheiro para Lampião. Também, a patente de capitão do exército. Pediu para ele combater os revolucionários. O cangaceiro pegou o dinheiro e as armas, mas não aceitou enfrentar os homens de Prestes.

Observação: O movimento “A Coluna dos Prestes” foi realizado a partir da canção de autoria de Hermínio de Oliveira: “É de aço, é de flor”. Obra em homenagem ao patriota comunista, Gregório Bezerra, que na juventude foi influenciado pela passagem da Coluna Prestes pelo interior de Pernambuco.

>> Acesse o movimento musical e a partitura de “A Coluna dos Prestes”

| MOVIMENTO MUSICAL |



| PARTITURA |



# Santos Revoltosos

Orquestra / Movimento n° 7 – “O Chamado da Coluna Prestes”

Dois Santos Revoltosos nos olhos do menino  
Da janela ele via tudo sozinho

Sobre as padiolas muita luz  
Que de tão intensa ilumina quem conduz

Quando conta, não acreditam, dizem estar a inventar  
Ele jura, insiste, viu os Santos Revoltosos chegar

Vieram para Crateús para os anjinhos proteger  
Essa é a causa pela qual vieram combater

São muitos túmulos de combatentes da Coluna Prestes espalhados pelo Brasil. Sem lápides, sem datas de nascimento ou morte. Em Crateús, no interior do Ceará. Dois revolucionários ali enterrados são chamados de Santos Revoltosos. O poeta Gerardo Mello Mourão, que menino viu os revoltosos passarem, lembrava que no entorno destes túmulos os moradores passaram a enterrar crianças mortas antes de completar um ano: “Quando morriam nossos pequenos anjinhos a gente fazia assim para os proteger. Os Santos Revoltosos da Coluna Prestes acompanham os anjinhos até o reino dos céus”.

>> Acesse o movimento musical e a partitura de  
“O Chamado da Coluna Prestes”

| MOVIMENTO MUSICAL |



| PARTITURA |



## Velocidade da Marcha

Orquestra / Movimento n° 8 – “A Travessia do Pantanal”

A costela do pampa no pantanal é maçã do peito  
No cerrado é granito, no nordeste dianteira gaúcha

Parece a mandioca do pampa que no pantanal é aipim  
No cerrado uaipi e no nordeste macaxeira

Mas só se parece, porque foi a dianteira  
Que fez a marcha atravessar tantas fronteiras

A marcha foi feita sempre com manobras ágeis e rápidas. Reza a lenda que a alta velocidade era possível porque os gaúchos comiam somente as partes dianteiras dos animais. “Diziam que só comíamos as partes dianteiras do gado para andarmos depressa. (...) Os matutos ficavam intrigados com o fato dos gaúchos desprezarem os quartos das reses, - que não prestam para churrasco, - e como não encontrassem explicação para isso criaram a lenda”. (Relato do secretário da Coluna Prestes, Lourenço Moreira Lima, no seu diário “Marchas e Combates”, pág. 194)

>> Acesse o movimento musical e a partitura de “A Travessia do Pantanal”

| MOVIMENTO MUSICAL |



| PARTITURA |



Luiz Carlos Prestes  
com a esposa Maria  
e o filho Luiz Carlos,  
aos 11 anos.



## Eterniza

Orquestra / Movimento n° 9 – “A Liberdade Marcha”

Morrer é fácil, viver é outra coisa, viver é não desanimar  
Não desistir, não se vender, não se curvar

A liberdade pede vida como o pampa  
pede uma planície infinita  
Com um céu azul e um verde de verde  
de verde até o fim

A Coluna Prestes criou tantas lendas por todo o nosso Brasil que virou um livro do Jorge Amado, “O Cavaleiro da Esperança”. Foi lembrada no livro de Guimarães Rosa, “Grandes Sertões, Veredas”. Foi uma referência para Érico Veríssimo, quando escreveu “O Tempo e o Vento”. Virou poemas de Pablo Neruda, de Murilo Mendes e de Alexei Bueno. Canções de Paulo da Portela e Taiguara. Virou obra de arte pelas mãos de Cândido Portinari, de José Pancetti e Oscar Niemeyer.

Observação: Todas as citações do livro “Marchas e combates” de Lourenço Moreira Lima foram feitas a partir da edição de 1979, Editora Alfa-Omega

>> Acesse o movimento musical e a partitura de “A Liberdade Marcha”

| MOVIMENTO MUSICAL |



| PARTITURA |



# A Grande Marcha – uma lenda brasileira

O poema para orquestra “LENDAS – Coluna Prestes”, de Luiz Carlos Prestes Filho me fez voltar para os extensos chapadões luminosos floridos e sem horizontes do coração do Brasil. Local onde muitas vezes trumbiquei em pedra rara, matacão cristalino, ou num cipó de chão. Os movimentos, o libreto e a letra me fizeram despencar dentro de um buracão enorme que se estendia e se alongava. Aos poucos atingi o salão de uma caverna escura como a selva. Acendido o fósforo da pupila, me foram revelados, entre estalactites e estalagmites, esculturas que fariam Fidias, Rodim ou mesmo Michelangelo sentirem-se meros lascadores de pedras. Findo o colapso, me vi na catedral fabulosa, Maragata, chamada Coluna Prestes. Incandescida por grandes fogueiras, embalada por tambores, cornetas e decorada por laços vermelhos. Tudo é tão real nesse oratório que parece um sonho. Realidade que não cabe em si, epopeia que transborda, feito heroico. Cheio de façanhas, gestos generosos, ternura e graça.

**A Coluna Prestes foi uma jornada heroica e solene, feita por brasileiras e brasileiros, gente como a gente. Desfile suntuoso de lendas e magias perlustrando os sertões Brasil. Gesta maratônica dos Revoltosos.**

Nas cenas e combates, entre marchas e episódios, a “lenda nos acompanhava por toda parte”, anota o escrivão da marcha, Lourenço Moreira Lima. Ele destaca no seu diário o parto da vivandeira loira e fogosa, que namorava o alemãozinho do Rio Grande. Quando nasceu o menino negro, ele foi rapidamente, e com alegria, sem qualquer constrangimento, adotado pela tropa entusiasmada: “Filho da Revolução”. Lourenço, o bacharel-feroz, na beira do Rio Novo, lá pelos lados do Jalapão, encontrou um pé de botina que lhe faltava. Calçou. Continuou a Marcha como um arlequim de sapatos amarelo e vermelho. A enfermeira Hermínia, austríaca de

nascimento, paulista de origem, no Piauí, ultrapassou atrevidamente a trincheira inimiga para tratar os feridos do outro lado. Foi elogiada pela imprensa. Lamentou-se a sua não captura.

**A cada lenda o Cavaleiro da Esperança enchia todos os pensamentos da população, o que fez o cronista afirmar a certa altura que: “Prestes não é somente uma das maiores afirmações da energia e da inteligência da nossa raça, mas um dos tipos mais eminentes de toda humanidade”. Um herói. Um titã. Um Prometeu da Pátria.**

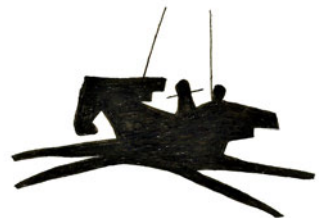
Entre poetas e cantadores, na hora do almoço, na hora do jantar, entre altares improvisados com cotocos de velas e fotos de jornal, correndo, de boca em boca, através dos meninos, dos velhos, das senhoras, o povo todo falava dos guerreiros que atravessavam o país. Entre os clarões das ladeiras, das encostas iluminadas por archotes, entre índios, lugares e povoados quase inexistentes, como aquele São João do Pinduca, os revolucionários conheceram as “casas habitadas por pobres negros, todos papudos, que ali viviam miseravelmente”.

**“A Coluna marchava dentro de uma glória de ouro”, dentro de uma dura realidade. Respiravam o aroma do delírio, fermentado pelo fabuloso, que diante de montanha enigmática, contavam causos estranhos que aconteciam: “Milhares de galos cantando no meio dia, moça dançando ao luar, dobre de sinos, as aves-marias, frades sem cabeça cavalgando esqueletos de cavalo, cobras enormes de olho de fogo, deslizando pelas suas encostas escarpadas, e, por fim, o Diabo percorrendo as suas cercanias montado num colossal porco-espinho, cujos grunhidos horrendos enchem a solidão num raio de cem léguas.” (palavras de Lourenço Moreira Lima)**

Durante a marcha aconteceu um arrebatamento da imaginação, é sobre isso este oratório. Tanto que contando um conto, e aumentando muitos pontos, a lenda falava que entre as vivandeiras havia uma “preta feiticeira, chamada Tia Maria, que dançava nua diante das metraiadeiras”. Ela, ao som de um flautim tocado por um “tá de coroné Favorino”, “fechava o corpo dos homens” frente para às balas dos inimigos, antes de começar o combate.

As músicas desta obra servem de auréola para a marcha. Som nos leva até as estrelas do Cruzeiro do Sul e as fazem “brilhar com uma intensidade nunca vista”. (palavras de Lourenço Moreira Lima)

**José Luiz Cunha Lima** é historiador e guia cultural da Chapada dos Veadeiros.



# Letras das Melodias do Poema para Orquestra

## Avante Camarada

Avante Camarada, fuzil no ombro espada na mão / Marchemos com audácia para nossa revolução / Avante Camarada que em todos nós o povo confia / Marchemos com alegria, avante, marchemos confiantes / Aqui não há quem nos detenha, nem quem derrube e nossa galhardia / Quem nobre missão desempenha, temer não pode a tirania / Nunca seremos vencidos, pois lutamos contra os traidores / Do nosso solo já vendido, por esses estranhos impostores / O povo brasileiro compreenderá a sua missão / Valente e altaneiro, fará a revolução / Por isso, conscientes, fortes, altaneiros / Revolucionários somos, revolucionários brasileiros

## O Herói

O herói é um grito, é o olho que amealha / É vento do deserto - a verdade que estraçalha / É o trovão, é o eco da ira / Lusco-fusco de alegria - horizonte que brilha / Ele marcha, sob o sol e a chuva / O herói é um grito, da nação que agoniza / Nunca é tarde para desvendar / Os caminhos encontrar / Seguir, avançar - não desviar / Um dia ele disse não / Fez do imprevisto o seu chão / É insolente o lutar - desbravar / No dia que resolveu partir / Sem deixar rasto do seu existir / Viu o amor envolver, sorrir / Mesmo cansado de se entregar / Fez a esperança desabrochar / Ao partir - ele venceu

## Lendas - Coluna Prestes

Quando olho para trás - confirmo: / Tinha que ser / O destino estava traçado / Tinha que acontecer / Sim Brasil / Eu não duvido que fui te encontrar / Quando sai desse meu lugar / Da terra onde nasci / Sim Brasil / Vinte mil

quilômetros para te encontrar / E nada consegui me desviar / Por isso hoje  
estou aqui / A esperança a cantar / Ruídos para espantar / Pegadas para  
ocultar / O Anel de Ferro a fechar / Quando olho para trás - confirmo: /  
Tinha que ser / O destino estava traçado / Tinha que acontecer / Sim Brasil /  
Eu não duvido que fui te encontrar / Quando sai desse meu lugar / Da terra  
onde nasci / Sim Brasil / Vinte mil quilômetros para te encontrar / E nada  
consegui me desviar / Por isso hoje estou aqui / A esperança a cantar / O  
inimigo a despistar / Na escuridão avançar / O Anel de Ferro a fechar

## Anel de Ferro

Não conto para ninguém / As trilhas que andei / Não conto para ninguém  
/ As águas que naveguei / Não conto eu não quero / Não vão acreditar /  
Mas eu sei / Vai dar de falar

## Recuar Jamais

Já não dá mais pra segurar / Avança a onda é o revirar / Não tem como  
equilibrar / Avalanche que quebra / Que queima, que corta / Não vão nos  
barrar / A esperança está no chão / Reerguer nossa missão / Segurem  
firme nossas mãos / Juntos sairemos dessa escuridão / Quem diria o  
destino desafia outra vez / Bate a porta, exige altivez / Frente à luta e à  
História de nossos pais / Recuar jamais

## A Coluna dos Prestes

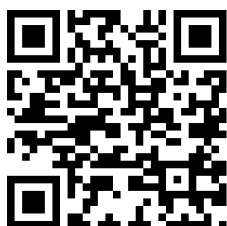
A Coluna é dos Prestes / É verdade sim senhor / A esperança é sua arma  
/ Que a vida temperou / Atravessa os horizontes / Ilumina sim senhor  
/ A revolução / Do nosso povo sonhador / É temida como um raio / Do  
oprimido é defensor / É a Coluna dos Prestes / Que passou / É a Coluna  
dos Prestes / Que brilhou / Que brilhou / Vai rasgando o Brasil / A Coluna  
com fervor / Derrota generais - coronéis / Capachos do senhor / Ela veio

do Rio Grande / Pantanal atravessou / O Nordeste por inteiro / A Coluna  
desbravou / Das batalhas a glória fica / Pra História já entrou / É a Coluna  
dos Prestes / Que passou / É a Coluna dos Prestes / Que brilhou / Que  
brilhou / A Coluna é dos Prestes / É verdade sim senhor / A esperança é  
sua arma / Que a vida temperou

## Travessia do Pantanal

Missão cumprida / Acordamos o país / Brasil profundo / Nossa raiz / O  
que éramos / Não somos mais / O que somos hoje / Não se desfaz /  
Atravessamos / Rincões, decepções / Veredas, rios / Novas dimensões /  
Chapadas, os Gerais / A esperança - não se desfaz

Acesse **Lendas – Coluna Prestes**  
em uma destas plataformas



@Todamerica Edições Ltda.

# Sumário

## PIAÇABA E ACRESCIDOS 7

Quadrilátero   Apresentação	11
<i>naquela história</i>	13
Movimento musical e a partitura de “Gênese Brasil”	14
<i>passos curtos</i>	15
Movimento musical e a partitura de “Abissal e Praia da Baleia”	16
<i>das mãos do Mestre Valentim</i>	17
Movimento musical e a partitura de “Cais Pharoux”	18
<i>do berço do Rio</i>	19
Movimento musical e a partitura de “Íbis de Pedra”	20
<i>na antiga rua Fresca</i>	21
Movimento musical e a partitura de “Rua Fresca	22
<i>na igreja da Nossa Senhora do Carmo</i>	23
<i>destinos tortuosos</i>	25
<i>o Rio não tem compromisso</i>	27
<i>coração da Virgem Maria</i>	29
<i>por aqui</i>	31
Movimento musical e a partitura de “Primeiro Baile”	32
<i>é noite</i>	33
<i>antes do arco do triunfo</i>	35
Movimento musical e a partitura de “Chapeleira”	36
<i>sangue de crianças</i>	37

Movimento musical e a partitura de “Dona Bárbara dos Prazeres”	38
<i>Bernadelli até que tentou</i>	39
<i>o vacilante</i>	41
Movimento musical e a partitura de “Gênese Brasil n° 2”	42
Epílogo	43
Letras das Melodias do Poema para Orquestra	45
Memória Crítica	49
Réquiem à Antiga Piaçaba: dos indígenas confederados à Praça Quinze contemporânea.	55
Um Rio em forma de Orquestra	64
Proposta Coreográfica - Piaçaba e Acrescidos	67

## *Molhem minha goela com Cachaça da Terra* 83

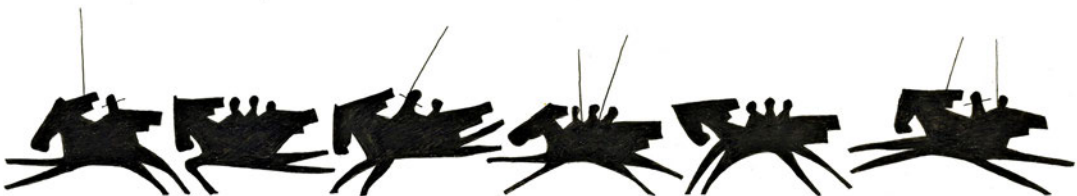
De cachaça e música – de gentes e versos   Apresentação	87
<i>Alambique Boa Vista</i>	89
<i>Evocação</i>	91
<i>Escritura</i>	93
Movimento musical e a partitura de “Escritura”	94
<i>A Velha Fachada do Alambique</i>	95
Movimento musical e a partitura de “A Velha Fachada”	97
<i>Aguardente</i>	99
Movimento musical e a partitura de “Aguardente”	100
<i>Tradição</i>	101
Movimento musical e a partitura de “Tradição”	102
<i>Gerações</i>	103

Movimento musical e a partitura de “Gerações”	104
Epílogo	105
Movimento musical e a partitura de “Epílogo”	106
Posfácio	107
Memória Crítica	108
Vitoriano Veloso o Inconfidente Negro	111
Notável ousadia na concepção da obra, pelo arrojo na ressignificação poética	118

## Lendas - Coluna Prestes 121

Prefácio	125
Introdução	133
<i>Avante Camarada</i>	135
Movimento musical e a partitura de “Avante Camarada”	137
<i>Visões</i>	139
Movimento musical e a partitura de “O Herói”	141
<i>Cavalgando Peixes</i>	143
Movimento musical e a partitura de “Lendas - Coluna Prestes”	145
<i>Nossa Senhora de Lourdes</i>	147
Movimento musical e a partitura de “O Anel de Ferro”	149
<i>Vivandeiras</i>	151
<i>Jaguncinho</i>	153
Movimento musical e a partitura de “Recuar Jamais”	154
<i>Xibéu</i>	155
<i>Padre Cícero e Lampião</i>	157

Movimento musical e a partitura de “A Coluna dos Prestes”	158
<i>Santos Revoltosos</i>	159
Movimento musical e a partitura de “O Chamado da Coluna Prestes”	160
<i>Velocidade da Marcha</i>	161
Movimento musical e a partitura de “A Travessia do Pantanal”	162
<i>Eterniza</i>	163
Movimento musical e a partitura de “A Liberdade Marcha”	164
A Grande Marcha - uma lenda brasileira	165
Letras das Melodias do Poema para Orquestra	168



## Trilogia Heroica

"Piaçaba e Acrescidos"

"Molhem minha goela com cachaça da terra"

"Lendas – Coluna Prestes"

"Entre a tradicional harmonia da música erudita e a modernidade instigante do atonal, transita este surpreendente

trabalho musical do compositor e poeta

Luiz Carlos Prestes Filho – PIAÇABA E ACRESCIDOS".

João Roberto Kelly é Compositor e Professor de harmonia

"Luiz Carlos Prestes Filho nos traz uma ideia teatral revolucionária com sua obra MOLHEM MINHA GOELA COM CACHAÇA DA TERRA. Para começar pelo tema da inconfidência

mineira, que, por mais citada após a instauração da República ainda não foi devidamente esgotada em sua riqueza de ideias e

eventos. Depois pela abordagem de seus versos, enfatizando,

inclusive, uma frase no título que seria do Tiradentes onde

aparecem motivos culturais da terra brasileira,

que se buscava libertar."

Gerson Pereira Valle é poeta e advogado

"As músicas da obra dramático-musical "LENDAS – COLUNA PRESTES" servem de auréola para este evento impar da

História do Brasil. Nos leva até as estrelas do Cruzeiro do Sul,

as fazem brilhar mais forte!"

José Luiz Cunha Lima é historiador e

guia cultural da Chapada dos Veadeiros



**Fundação**  
João Mangabeira